

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

MAIO/1983

Homenagem Singela

*Mamã, beijo-te as mãos.
E nesse beijo ponho
toda a ternura e gratidão
que de tão grandes
não cabem no Universo,
mas ficam dentro do pequeno verso
que espontâneo me vem do coração.*

*Beijo-te as mãos, mamã.
As tuas mãos marcadas
pelos anos de luta e aflição.
Cada ruga, cada traço,
são, para mim, a expressão
da fadiga e do cansaço
de toda a vida passada.*

*E quando beijo as tuas mãos, mamã,
beijo a mão de todas as mãezinhas
que pelos filhos deram o coração.
As que ficaram sozinhas
lutando pela veste e pelo pão.*

*Aquelas que ensinaram em santa
devoção,
pela manhã e à noite,
no pequeno leito,
o filho unir as mãos em oração,
pedindo a Deus que o faça bom,
perfeito.*

*Aquela que em vigília dolorida,
sobre o bercinho inclinada,
acompanhou com ânsia mal contida,
com lágrimas e prece,
o sofrimento da criança amada,
dando-lhe a própria vida, se pudesse.*

*Aquelas que levaram seu menino
pela primeira vez até a escola,
e arrumaram, com carinho,
o lanche nutritivo na sacola.*

*Aquela que chorosa
viu partir para a guerra
o filho belo e forte
na dúvida cruciante e dolorosa
de vê-lo partir,
quem sabe, para a morte!*

*Beijo-te as mãos, mamã!
É a suprema homenagem, silenciosa,
do afecto filial,
que hoje se estende
às mães de todo o mundo,
pela renúncia e pelo amor profundo,
sublime e divinal.*

Mamã, beijo-te as mãos!

Lucila Roseto

Revista Adventista

DIRECTOR:

J. Morgado

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.R.L.

**REDACÇÃO E
ADMINISTRAÇÃO:**

Rua Salvador Allende, lote 18
2685 Sacavém Codex
Telef. 2510844

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. 42413

PUBLICAÇÃO MENSAL

Maio 1983
Ano XLIV • N.º 440

PREÇOS:

Assinatura anual 300\$00
Número Avulso 30\$00

SUMÁRIO

MAIO 1983

EDITORIAL	3
AS MENSAGENS DOS TRÊS ANJOS...	4
AUTORIDADE SUPREMA DA PALAVRA DE DEUS	7
O ELEFANTE TEIMOSO	11
A DESCOBERTA	12
LEMBRA-TE DO DIA DE SÁBADO PARA O SANTIFICAR	13
A FOME EM TRÊS DIMENSÕES	14
O DOM DE PROFECIA ATRAVÉS DOS SÉCULOS	16
NOTÍCIAS DO CAMPO	20
NOTÍCIAS DO MUNDO ADVENTISTA	21

Revista Adventista

Órgão Oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

MAIO 1983

Homenagem Singela

Mamã, deixo-te as mãos.
É nesse beijo juvenil
fido e tenaz e grácil
que de tão grande
não cabem no Universo,
mas ficam dentro do pequeno verso
que responde-me em voz de criação.

Deixo-te as mãos, mamã!
As tuas mãos marcadas
pelo amor de hoje e de ontem.
Cada ruga, cada traço,
aço, para mim, é expressão
de vida e do caminho
de toda a vida passada.

É quando deixo as tuas mãos, mamã!
Deixo a mão de todos os momentos
que pulso firme dentro do coração.
As que ficaram azules
ficando pela vida e pelo pão.

Aquelas que encaixaram em certo
divorcio,
pelo mamã e à noite,
no pequeno beijo,
o filho uniu as mãos em oração,
pedindo a Deus que o fizesse bem,
perfeito.

Aquela que em vigília doborde,
sob o Sarcófago Incauto,
acompanhou com firme mal consolo,
com lágrimas e prece,
o pedimento de criança amada,
dando-lhe a palavra viva, se puderes.

Aquelas que levaram ao mundo
pela primeira vez até a escola,
e amaram, com carinho,
o berço e o berço na escola.

Aquela que chorou
viva para a guerra
o filho de hoje
na última cruzada e dorada
de todo parto,
quei meu, para a morte!

Deixo-te as mãos, mamã!
É a eterna homenagem, atenciosa,
de afecto filial,
que hoje se estende
de mãos de todo o mundo,
pela memória e pelo amor profundo,
sublime e divino.

Mamã, deixo-te as mãos!

Luís de Fátima

Prezados Irmãos:

Quando imaginamos as inúmeras descobertas que desde há um século para cá têm sido feitas, constatamos que apesar do pecado Deus continua a dirigir a mente humana, proporcionando especialmente meios para que a Sua Palavra possa ser levada a toda a «tribo, língua e povo» nesta geração.

Há dias, ao visitar uma pessoa de idade, doente, ela me falava que estava cansada de viver neste mundo de pecado, de miséria, de violência. Este cansaço estende-se creio eu, à maior parte do povo de Deus que almeja chegar ao Lar, Lar Eterno, onde «não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor» (Apocalipse 21:4).

Uma das descobertas que durante os últimos anos tem contribuído para levar a mensagem do Evangelho ao mundo é, sem dúvida, a Rádio. Neste momento a mensagem do Terceiro Anjo é proclamada através de 3.272 estações de Rádio e 387 de TV em todo o mundo.

Também em Portugal a mensagem é proclamada através da Rádio em 8 Emissoras, e com 8 programas semanais.

No entanto, a exemplo do que acontece neste momento em vários países da Europa, pensamos que legislação adequada será publicada de modo que possamos ter a nossa própria Estação de Rádio. Temos um pedido pendente junto das autoridades competentes e esperamos que o Senhor permita que dentro em breve possamos possuir o nosso próprio Emissor.

Para isso temos já um estúdio montado, que precisaria de ser aumentado, e algum do material que ali existe teria que ser substituído.

Acredito que com o tempo isso será possível com as ofertas normais que recebemos. No entanto, o grande problema que desejo partilhar com os meus prezados irmãos é que, se dum momento para o outro sair a legislação esperada, e não começarmos imediatamente a emitir outros nos passarão à frente e poderemos mesmo perder a oportunidade de possuir a nossa Emissora.

Lanço o apelo a todos os despenseiros das bênçãos divinas, que têm em suas mãos os meios que o Senhor destinou para levar avante este empreendimento, para o colocarem ao Serviço do Senhor, neste momento.

O plano será:

a) Substituir o material antiquado que possuímos, fazendo já as adaptações necessárias ao funcionamento dum Emissora.

b) Preparar todo o esquema técnico de meios técnicos e humanos para que no momento exacto possamos lançar, sem mais demoras, a nossa voz para o ar.

Quanto necessitaremos para este empreendimento?

Pelo menos 3.500.000\$00 (três milhões e quinhentos mil escudos).

Não creio que seja ilusório chegarmos lá. O Senhor continua a colocar nos Seus mordomos os meios para fazer avançar o seu trabalho.

«Em Seus sábios planos, Deus fez com que o progresso da Sua Obra fosse dependente dos esforços pessoais do Seu povo, e das suas ofertas voluntárias. Aceitando a cooperação do homem no grande plano da salvação, conferiu-lhe insigne honra. ... Importa que se apoiem as instituições que são instrumentos de Deus para promover a Sua Obra na Terra. ... Essas Instituições são ordenadas por Deus e devem ser mantidas com dízimos e ofertas liberais. À medida que a Obra se dilata, necessitar-se-ão de meios para que ela avance em todos os seus ramos. Os que se converteram à verdade e se fizeram participantes da Sua graça, podem tornar-se coobreiros de Cristo mediante sacrifícios e ofertas a Ele feitos voluntariamente.» *Testemunhos Seletos*, vol. I, págs. 542 e 543.

Qualquer irmão que deseje mais informações sobre o plano, estaremos à sua disposição para o fazer. Mas, não percam tempo. Agora é o tempo favorável! Agora é o tempo para fazermos multiplicar os novos talentos, a fim de que um dia possamos ouvir as consoladoras palavras da parte de Jesus: «Bem está, bom e fiel Servo».

J. A. Morgado

**Estação de
Rádio Adventista em Portugal!
Sonho ou Realidade!**

As mensagens dos três anjos para os últimos dias (1)

CARL COFFMAN

As mensagens dos três anjos formam o âmago da nossa compreensão de toda a verdade Bíblica.

O passar do tempo tem a capacidade de tirar o brilho e o esplendor das coisas. Quase tudo. Mesmo coisas religiosas importantes. E os seres humanos têm a tendência de olhar para algo novo que brilhe, que lhes apele no seu tempo e lugar. Isto pode ser bom em muitos respeitos. Mas no que diz respeito à verdade, possui alguns perigos. A busca por melhor compreensão deve continuar sempre. Mas os fundamentos não podem ser mudados, ou cobertos, ou ignorados, a não ser com grande perigo espiritual.

A passagem de Juízes 2:8-10 diz-nos algo muito importante: «Faleceu porém Josué, filho de Nun, servo do Senhor, da idade de cento e dez anos. ...E foi também congregada toda aquela geração a seus pais, e outra geração após deles se levantou, que não conhecia ao Senhor, nem tão pouco a obra que fizera a Israel.» Os altos e baixos do período dos juízes apresentam um triste comentário sobre as memórias espirituais e a fé diária do povo escolhido de Deus.

Uma história similar é escrita acerca da Igreja Cristã primitiva. No *Grande Conflito*, Ellen White faz duas perguntas, e responde-as a seguir. «Qual foi a origem da grande apostasia? Como se afastou a igreja a princípio da simplicidade do evangelho? Ao conformar-se com as práticas do paganismo, para facilitar a aceitação do cristianismo pelos pagãos. O apóstolo Paulo declarou já nos seus dias: 'Já o mistério da injustiça opera'. 2 Tessalonicenses 2:7. Durante a vida dos apóstolos a igreja permaneceu relativamente pura. Mas, 'pelo fim do segundo século, a maioria das igrejas tomou nova forma; desapareceu a primitiva simplicidade, e, insensivelmente, quando os velhos discípulos baixaram ao túmulo, os seus filhos, juntamente com os novos conversos, ...tomaram a dianteira e remodelaram a causa'. ... Para conseguir conversos, aviltou-se o elevado padrão da fé cristã, e, como resultado, 'uma inundação pagã, invadindo a igreja, trouxe consigo os seus costumes, práticas e ídolos.'» — pág. 310.

CARL COFFMAN

Director do Departamento de Religião da Universidade de Andrews, Berrien Springs, Michigan, E.U.A.

O tempo passou até à grande Reforma e para além dela. Ellen White faz outra pergunta. «Não se tem repetido o mesmo caso em quase todas as igrejas que se intitulam protestantes? Com o desaparecimento dos fundadores, dos que possuíam o verdadeiro espírito de reforma, os seus sucessores tomam a dianteira e 'remodelam a causa'. Embora se apeguem cegamente ao credo dos pais, e se recusem a aceitar qualquer verdade além da que lhes foi dada a conhecer, os filhos dos reformadores afastam-se grandemente do exemplo paterno de humildade, abnegação e renúncia do mundo. Assim, 'a primitiva simplicidade desaparece.'» — *Idem*.

Nos dias após Josué o povo de Deus esqueceu-O. Nos dias após os apóstolos e o Novo Testamento, a igreja comprometeu a sua fé para conseguir conversos. Nos dias após os Reformadores, os Protestantes recusaram prosseguir em descobrir novas verdades Bíblicas, que resultou na perda de humildade genuína, abnegação, e separação do mundo. Há muitos perigos com o passar do tempo! Mas a solidez e a maturidade espirituais só se obtêm com o passar do tempo. E «os últimos dias» chegaram finalmente — no tempo do fim de Daniel — com o passar de muito tempo.

«Um lavrador íntegro e de sentimentos honestos»

No tempo do fim, depois de 1798, «um lavrador íntegro e de sentimentos honestos» (*Idem*, pág. 257), Guilherme Miller, apareceu em cena. A sua pregação foi seguida pela ênfase da mensagem de Apocalipse 14:6-12, e depois o surgimento dos Adventistas observadores do Sábado após 1844. Grandes fundamentos Bíblicos foram lançados durante aqueles primeiros anos pela primeira geração daqueles que vieram a ser em breve conhecidos por Adventistas do Sétimo Dia. Durante mais de cem anos gerações sucessivas têm buscado mais profunda compreensão, correcção, amplificação, e imutável veracidade. Devemos prosseguir sempre nesta direcção. Mas devemos evitar, com o passar do tempo, a tentação de remodelar, comprometer, baixar as normas, buscar apenas números, afastar-nos da primitiva simplicidade, humildade, abnegação, e renúncia do mundo tal como encontramos na nossa própria história primitiva. E não deveríamos esquecer as obras que Deus tem feito — pela nossa própria igreja, pelos nossos pioneiros. Todas estas áreas contêm grandes perigos para nós hoje.

O propósito desta série é revermos de novo as

Terminaremos a tarefa que Deus nos deu ao redescobriremos os fundamentos Bíblicos e a simplicidade duma relação pessoal com Deus que caracterizou os pioneiros.



experiências dos Milleritas e dos primeiros Adventistas e as mensagens dos três anjos. Tentaremos redescobrir os fundamentos Bíblicos básicos sobre os quais permanecemos e a simplicidade e o fervor duma relação pessoal com nosso Senhor. Tudo isto combinado dar-nos-á uma nova certeza e zelo para terminarmos a obra que Deus, nestes últimos dias, colocou sobre os nossos ombros.

Em 1888, Ellen White escreveu: «A fim de preparar um povo para estar em pé no dia de Deus, deveria realizar-se uma grande obra de reforma. Deus viu que muitos dentre o Seu povo professo não estavam edificando para a eternidade, e na Sua misericórdia estava prestes a enviar uma mensagem de advertência a fim de despertá-los do seu torpor e levá-los a prepararem-se para a vinda de Jesus.

«Esta advertência, temo-la em Apocalipse 14. Apresenta-se-nos ali uma tríplice mensagem como sendo proclamada por seres celestiais, e imediatamente seguida pela vinda do Filho do homem para recolher a messe da terra.» — *Idem*, págs. 251-252.

Em 1900, ela escreveu: «Cristo vai voltar a segunda vez, com poder para salvação. A fim de preparar seres humanos para este acontecimento, Ele enviou a primeira, segunda e terceira mensagens angélicas. Estes anjos representam aqueles que recebem a verdade, e com poder apresentam o evangelho ao mundo.» — *BC*, vol. 7, pág. 978-979.

Em 1904 ela escreveu: «O décimo quarto capítulo de Apocalipse é um capítulo do mais profundo interesse. Esta passagem das Escrituras em breve será compreendida em todos os seus pormenores, e as mensagens dadas a João o revelador serão repetidas com voz distinta.» — *Idem*, pág. 978.

As mensagens dos três anjos formam o âmago da nossa compreensão de toda a verdade Bíblica. Elas provêem a moldura, o corpo, o âmago da contribuição única que Deus colocou sobre nós, para apresentarmos a todos os povos a fim de preparar homens e mulheres, em toda a parte, para o juízo, o selamento e o retorno de Cristo.

Mas que está envolvido e implícito em cada mensagem? É possível que estejamos a defraudar as pessoas à nossa volta porque nós mesmos não compreendemos perfeitamente a mensagem? Temos nós de algum modo negligenciado ou obscurecido esta mensagem especial? Tem ela mudado o *nosso* pensamento, vida, e convicções, de modo a podermos partilhá-la com outros — não apenas como doutrina ou teologia, mas como a nossa própria experiência única com nosso Senhor? Estas perguntas são difíceis, mas merecem uma resposta inequívoca.

Ao tentarmos encontrar respostas para as nossas perguntas, não podemos deixar de voltar aos dias de Guilherme Miller. Em 1818 Miller «chegou à solene convicção de que dentro de vinte e cinco anos, aproximadamente, Cristo apareceria para redenção do Seu povo.» — *O Grande Conflito*, pág. 266. Ele chegara à conclusão de que a Bíblia ensina claramente uma vinda literal e pessoal de Cristo, e que o tempo está revelado em Daniel 8:14, assim como também o método de «purificação», — a purificação da terra pelo fogo. Em 1831 ele começou a apresentar as suas descobertas ao público. A queda das estrelas em 1833 levou muitos a dar atenção à sua advertência sobre o segundo advento (*Idem*, págs. 267-270).

A mensagem é proclamada

Neste cenário da proclamação do segundo advento e o cumprimento da profecia Bíblica os Adventistas Milleritas começaram a proclamar a mensagem da hora do juízo de Apocalipse 14:6, 7. Ellen White escreveu: «A profecia da mensagem do primeiro anjo, revelada em Apocalipse 14, encontrou o seu cumprimento no movimento do advento de 1840-1844. Tanto na Europa como na América, homens de fé e oração foram profundamente movidos ao ser chamada a sua atenção para as profecias, e, ao prescrutarem o Inspirado Registo, viram evidência convincente de que o fim de todas as coisas estava às portas. O Espírito de Deus impeliu os Seus servos a darem a advertência. Perto e longe eles espalharam a mensagem do evangelho eterno: 'Temei a Deus, e dai-lhe glória; porque vinda é a hora do Seu juízo'.» — *História da Redenção*, pág. 356.

Pessoas eram movidas onde quer que a mensagem era dada. Poucas eram capazes de resistir à convicção. As afeições eram transferidas das coisas terrenas para as celestiais. Teve lugar um reavivamento. Seguiram-se reforma e testemunho. «Muitos pleiteavam toda a noite em oração a fim de se certificarem que os seus pecados estavam perdoados, ou pela conversão dos seus familiares ou vizinhos. ... Vastas multidões escutavam silenciosas e extasiadas as solenes palavras.» — *Idem*, págs. 359-360.

Tal movimento não podia ter ficado sem oposição. Os erros de 1843 e princípios de 1844 acerca da marcação de tempo levou os opositores a troçarem e os fiéis a verem nisso uma «retardação de tempo.» Assim, no Verão de 1844, enquanto as igrejas recusavam receber a mensagem do primeiro anjo (ver *Primeiros Escritos*, págs. 236-237), os Milleritas deram grande ênfase à mensagem do segundo anjo de Apocalipse 14:8: «Caiu, caiu Babilónia.» «Esta mensagem foi compreendida pelos Adventistas como sendo um anúncio da queda moral das igrejas em consequência da sua rejeição da primeira mensagem. ... Cerca de cinquenta mil retiraram-se destas igrejas.» — *Idem*, págs. 364-365.



Estamos nós aceitando a verdade de Deus, ponto por ponto, como nos está sendo revelada?

Temos nós uma relação verdadeiramente íntima e pessoal com Cristo?

Quanto mais tempo esperamos nós obter para nos prepararmos para terminar o obra do Senhor nesta terra?

É claro que Guilherme Miller e os seus associados nunca proclamaram a mensagem do terceiro anjo de Apocalipse 14:9-11 antes do desapontamento de 22 de Outubro.

Um ponto chave sobre o qual edificaremos mais tarde encontra-se na declaração seguinte: «De todos os grandes movimentos religiosos desde os dias dos apóstolos, nenhum foi mais livre de imperfeições humanas e dos enganos de Satanás do que o do Outono de 1844. Mesmo hoje (1888), depois de transcorridos muitos anos, todos os que participaram do movimento e que permanecem firmes na plataforma da verdade, ainda sentem a santa influência daquela obra abençoada, e dão testemunho de que ela foi de Deus.» — *O Grande Conflito*, pág. 322.

É significativo que este nível de prontidão foi alcançado sem a pregação da mensagem do terceiro anjo, sem conhecimento do Sábado, sem uma compreensão da mensagem do santuário, sem a prática da benevolência sistemática, sem uma mensagem sobre saúde, sem muitas doutrinas Bíblicas correctamente compreendidas. Com conhecimento apenas parcial, como foi possível aos pioneiros atingir um tal grau de espiritualidade? Como mantiveram eles um senso de urgência e uma relação viva e pessoal com Cristo?

Se eles puderam alcançar um tal grau de prontidão sem conhecimento de muitas doutrinas que mantemos como vitais e caras, não poderíamos nós hoje alcançar a mesma prontidão espiritual sem argumentarmos sobre questões doutrinárias?

Três questões reclamam a nossa meditação. Primeiro, estamos nós aceitando a verdade de Deus, ponto por ponto, como nos está sendo revelada? Segundo, temos nós uma relação verdadeiramente íntima e pessoal com Cristo? E terceiro, quanto mais tempo esperamos nós obter para nos prepararmos para terminar a obra do Senhor nesta terra? Devemos, cada um de nós, enfrentar estas questões vitais.

(Continua no próximo número)

Autoridade Suprema da Palavra de Deus

ERNESTO FERREIRA

Comemorando-se este ano o quinto centenário do nascimento de Lutero, ocorrido em 10 de Novembro de 1483, útil será que passemos em revista alguns aspectos salientes na mensagem do grande Reformador.

Uma das suas mais valiosas contribuições para o êxito do Movimento da Reforma foi a importância atribuída às Sagradas Escrituras como único vector fidedigno da Revelação Divina. Numa época em que as doutrinas e as normas morais eram aferidas pela Tradição e o Magistério Eclesiástico, Lutero teve a coragem de proclamar que só deviam aceitar-se as doutrinas e normas morais que se apoiassem na autoridade da Palavra de Deus.

Era assim abalado o próprio fundamento da Igreja popular de então e estabelecido princípio vital da Reforma.

A Palavra de Deus na sua vida pessoal

Criado no seio de uma família tradicionalmente religiosa, foi durante os decisivos anos da juventude que Lutero começou a experimentar uma profunda angústia espiritual, sem que encontrasse solução para os conflitos íntimos que o atormentavam.

Em 1501 matriculou-se na Universidade de Erfurt, onde, passados quatro anos, terminou a sua licenciatura (M.A.).

Em vez de enveredar pela carreira do Direito, como era o desejo de seu pai, entra em 17 de Julho de 1505 para o convento dos Eremitas de S. Agostinho, na mesma cidade de Erfurt, onde é recebido como frade e onde, dois anos depois, é ordenado sacerdote, tendo celebrado a primeira missa em 2 de Maio de 1507.

As suas lutas espirituais continuavam, porém. Lutero não encontrava a paz nem na prática escrupulosa dos deveres religiosos, nem nos jejuns e mortificações a que se entregava, nem nos ensinamentos dos escritores eclesiásticos.

É então que surge, na pessoa do piedoso João Staupitz, o instrumento usado por Deus para operar uma transformação decisiva na vida de Lutero. Staupitz, além de organizador e professor de Teologia da recém-fundada Universidade de Wittenberg, exercia funções directivas na Ordem dos Eremitas de S. Agostinho, como vigário-geral do ramo dos Observantes dessa congregação na Alemanha, e nessa qualidade visitava com frequência o convento de Erfurt. Aqui foi atraída a sua atenção para Martinho Lutero, que lhe patenteou, como um filho a seu pai, as lutas do seu coração atormentado. Staupitz teve o condão de adivinhar nessas lutas a atracção que sobre aquele frade estava exercendo Deus, quem sabe se para uma grande obra, e nunca mais o perdeu de vista. Foi ele que o levou a depositar em Cristo a sua confiança e a dedicar-se ao estudo da Palavra de Deus.

Foi no convento de Erfurt que Lutero começou a ler a Bíblia. ¹ Notemos, de passagem, que a primeira Bíblia impressa vira a luz apenas cerca de 40 anos antes, ou seja, em 1465. Foi numa dessas visitas que Staupitz lhe deu o salutar conselho: «Que o estudo das Escrituras seja a tua ocupação favorita.» No dizer de Merle d'Aubigné, «jamais conselho tão bom foi mais bem seguido». ²

Sucedem-se, na vida de Lutero, acontecimentos que o preparariam para o seu futuro ministério: de 1508 a 1509, ensina durante um semestre na Universidade de Wittenberg e volta para Erfurt; de 1510 a

ERNESTO FERREIRA

Pastor aposentado, Director das Revistas Saúde e Lar e Sinais dos Tempos

1511, faz uma viagem a Roma, para tratar de assuntos da sua Ordem, finda a qual regressa a Erfurt.

E aqui surge uma vez mais o seu amigo. Um dia, à sombra de uma pereira do convento, pereira que Lutero sempre recordaria com ternura, Staupitz informou o Irmão Martinho de que ele devia estudar para tirar o grau de doutor, a fim de ocupar a cátedra de Bíblia na Universidade de Wittenberg.

A este propósito escreveu R. H. Bainton: «A proposta de Staupitz era audaciosa, se não temerária. Um jovem à beira de um colapso nervoso sobre problemas religiosos devia ser comissionado como professor, pregador e conselheiro para almas doentes. Staupitz estava praticamente dizendo: 'Médico, cura-te a ti mesmo curando os outros'. Ele deve ter sentido que Lutero era fundamentalmente sã e que se lhe fosse confiada a cura de almas ele estaria disposto por causa delas a desviar-se das ameaças para as promessas, e alguma da graça que ele reclamaria para essas almas podia cair também sobre si mesmo.

«Staupitz sabia igualmente que Lutero seria ajudado pelo assunto do seu ensino. A cátedra designada para ele era a que o próprio Staupitz tinha ocupado — a cadeira de Bíblia. Somos tentados a suspeitar que ele se retirou a fim de desobstruivelmente levar este irmão agonizante a lutar com o livro-fonte da sua religião.»³

Em 19 de Outubro de 1512, foi conferido a Lutero o grau de doutor em Teologia. Prestou então juramento de pregar fielmente a Bíblia, de ensiná-la em toda a sua pureza, de estudá-la durante toda a sua vida e de defendê-la contra todos os falsos ensinamentos, enquanto Deus o ajudasse.

«Aquele solene juramento», escreve D'Aubigné, «foi para Lutero a sua vocação de reformador. Impondo à sua consciência a santa obrigação de investigar livremente e anunciar com valor a verdade cristã, aquele juramento levou o novo doutor além dos estreitos limites a que o houvera circunscrito talvez o seu voto monástico... Naquele memorável dia Lutero foi armado cavaleiro da Bíblia.»⁴

E como cavaleiro da Bíblia a ela permaneceu fiel até à morte. Foi ela a inspiração da sua vida, a doce companhia nas suas lutas.

Dela se abeirava para aprender com humildade. Em carta a um seu amigo, dizia ele: «Eu não quero ser um mestre da Escritura santa; desejaria apenas ser, por pouco que seja, um discípulo.»⁵

Era na Bíblia que ele encontrava força para resistir às tentações. Numa das suas conversas à mesa, confidenciou um dia: «Quando me encontro assaltado pela tentação, logo lanço mão de algum texto da Bíblia.»⁶

Nunca estudava a Bíblia sem oração. Perguntando-lhe um dia Spalatin qual a melhor maneira de estudar a Santa Escritura, Lutero respondeu: «Tenho tido a capacidade ou a temeridade necessária, meu prezado Spalatin, para te fornecer as indicações que me tens pedido até aqui. Mas quando hoje me pedes directrizes para o estudo da Santa Escritura, exiges algo que está muito acima das minhas forças... Se, no entanto, queres a todo o preço conhecer o meu método, eu to revelarei como a um amigo mui-

to querido, mas sob a condição de que me sigas sem renunciar ao teu próprio juízo. Antes de mais, uma coisa é certa: o zelo e a inteligência não bastam para penetrar o sentido das Escrituras. O teu primeiro dever é pois orar e pedir ao Senhor que, se Lhe agradar manifestar-te a Sua glória (não a tua, nem a de nenhum homem), se digne conceder-te, na Sua grande misericórdia, a inteligência da Sua Palavra. Pois o único mestre capaz de ensinar a Palavra de Deus é o próprio autor dessa Palavra, de sorte que disse Cristo: 'Serão todos ensinados por Deus'. Não debes pois absolutamente contar com o teu próprio zelo e a tua própria inteligência, mas basear unicamente a tua confiança na acção do Espírito. Crê num homem que fez a experiência disso.»⁷

A Palavra de Deus no seu ministério

Todo o ministério de Lutero foi caracterizado por um indefectível apego à Palavra de Deus.

Como professor em Wittenberg, ficaram famosas as suas prelecções sobre vários livros da Bíblia. Em 1513 começou a expor os Salmos; desde Abril de 1515 a Setembro de 1516, preleccionou sobre a epístola aos Romanos, seguindo-se, a partir de Outubro desse mesmo ano, as prelecções sobre a Epístola aos Gálatas. Todos estes comentários, com aperfeiçoamentos sucessivos, encontram-se entre as suas obras publicadas. Este aspecto da sua actividade prosseguiu, com alguns intervalos, até ao final da sua vida. Com efeito, pouco antes de morrer, foram publicados os seus comentários sobre o livro de Génesis, baseados nas prelecções feitas desde 1535 a 1545.

Mas Lutero não era pessoa para se limitar a um estudo académico das Escrituras. Armado com «a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus», lutou com todo o vigor e entusiasmo em defesa da verdade e da Igreja de Cristo.

Entrando na arena com a afixação das 95 teses em 1517, é baseado na autoridade da Bíblia que ele em 1518 responde à refutação dessas teses feita por Silvestre Prierias, e nesse mesmo ano se mantém firme perante o legado de Roma, o Cardeal Cajetano, em Augsburg, e em 1519 no debate com o teólogo João Eck, em Leipzig.

São de 1520 os grandes escritos de Lutero intitulados *À Nobreza Cristã da Nação Alemã*, *O Cativo Babilónico da Igreja* e *Acerca da Liberdade Cristã*, acompanhada esta última obra por uma carta de 6 de Setembro (na realidade de 13 ou 14 de Outubro) Ao Papa Leão X, dedicando-lhe o escrito. De Novembro desse mesmo ano é o opúsculo *Contra a Execrável Bula do Anticristo*, em resposta à bula «Exsurge Domine», de 15 de Junho, a ele entregue em 10 de Outubro, na qual eram condenadas as teses de Lutero e lhe era dado o prazo de 60 dias para se retratar dos seus erros. Em todos estes escritos é dada a última palavra, a palavra decisiva, às Sagradas Escrituras.

Limitamo-nos a sublinhar apenas algumas frases desses escritos.

De *À Nobreza Cristã da Nação Alemã*: «Antes de tudo, seria necessário que nas escolas superiores e elementares e ensino essencial e mais espalhado seja a Santa Escritura e, para os pequenos, o Evangelho. ... Receio muito que as escolas superiores não sejam senão grandes portas do inferno, pois que elas não se empregam activamente a espalhar na juventude o conhecimento e a prática da Escritura.»⁸

De *O Cativo Babilónico da Igreja*: «A Palavra de Deus está incomparavelmente acima da Igreja.»⁹ «Jamais deve ser feita violência às palavras divinas. Nenhum homem ou anjo tem autoridade para isso. Mas, tanto quanto seja possível, elas devem ser retidas no seu significado mais simples. A não ser que o contexto manifestamente o exija, elas devem ser compreendidas de acordo com a gramática e o seu sentido próprio, a fim de que não se forneça aos adversários a possibilidade de rejeitar toda a Escritura.»¹⁰

Da *Carta de Leão X*: «Não posso sofrer, por outro lado, que se submeta a Palavra de Deus às leis das nossas interpretações, pois importa que a Palavra não seja ligada, ela que ensina toda a liberdade.»¹¹

De *Acerca de Liberdade Cristã*: «É certo — e podemos mantê-lo com firmeza — que a alma pode prescindir de tudo, com excepção da Palavra de Deus, sem a qual nada lhe é útil. Se a alma tem esta Palavra, ela é rica, não lhe falta nada: é a Palavra de vida, de verdade, de luz, de paz, de justiça, de salvação, de alegria, de liberdade, de sabedoria, de força, de graça, de glória e de todo o bem, para além de toda a medida.»¹²

De *Contra a Execrável Bula do Anticristo*: «Pedro disse que devíeis dar a razão da fé que há em vós, mas esta bula condena-me com suas próprias palavras sem qualquer prova das Escrituras, ao passo que eu baseio todas as minhas asserções na Bíblia. Pergunto-te, ignorante Anticristo, pensas que com as tuas vãs palavras podes prevalecer contra a armadura das Escrituras? ... Lutero, que está acostumado à guerra (*bellum*), não teme a bula (*bullam*). Posso distinguir entre um simples pedaço de papel e a onipotente Palavra de Deus.»¹³

Mas o ponto mais alto, e sem dúvida o mais belo, da vida de Lutero foi o testemunho por ele dado na Dieta de Worms, em 1521, perante Carlos V e os mais representativos dignitários da nação. A sua corajosa resposta final tem ressoado através dos séculos, como fonte de inspiração, até aos nossos dias: «Visto que Vossa Majestade e Vossas Senhorias pedem uma resposta simples, eu a darei sem subterfúgios: A menos que eu seja convencido de erro pelo testemunho da Escritura ou por razões evidentes — pois que recuso valor à autoridade não provada do papa e dos concílios, por ser claro que eles muitas vezes erraram e frequentemente se contradisseram — continuo ligado pelos textos escriturísticos que citei, e a minha consciência encontra-se cativa da Palavra de Deus; por isso, não posso nem quero retratar-me de nada, pois não é seguro nem honesto agir contra a própria consciência. Esta é a minha posição. Não posso agir de outra maneira. Que Deus me ajude.»¹⁴

Foi no castelo de Wartburgo, onde esteve oculto durante dez meses (desde 4 de Maio de 1521 até 1 de Março de 1522), protegido da ira dos seus inimigos após a sua histórica intervenção na Dieta de Worms, que Lutero empreendeu a sua monumental tradução da Bíblia directamente do grego e hebraico para a linguagem do povo. Numa altura em que não havia um idioma alemão colectivo e uniforme, foi precisamente a tradução de Lutero que constituiu o elo da unificação linguística, tornando o neo-alto-alemão a língua nacional — da literatura, da ciência, das esferas governativas e das diferentes camadas sociais.

As suas cartas escritas de Wartburgo revelam quanto Lutero ansiava que o povo tomasse contacto com a Palavra de Deus. A Melanchton escrevia ele em 26 de Maio de 1521: «Cuidemos apenas da Palavra. Que aquele que a quer ignorar, a ignore; que aquele que quer perecer, pereça; que pelo menos não possam queixar-se de que não cumprimos para com eles o nosso ministério.»¹⁵ E a Spalatin, em 9 de Setembro do mesmo ano: «O povo tem necessidade, antes de tudo da palavra de Deus.»¹⁶

Ao sair da sua reclusão estava terminada a tradução do Novo Testamento, feita sobre o texto grego publicado por Erasmo em 1519.



Martinho Lutero traduz a Bíblia para Alemão

Em 30 de Março de 1522, menos de um mês depois de regressar a Wittenberg, escrevia ele de novo a Spalatin: «Na minha ilha de Patmos [o castelo de Wartburgo], não só traduzi o evangelho de João, mas todo o Novo Testamento. Começámos agora, Filipe [Melanchton] e eu, a retocar o conjunto e, se Deus quiser, será uma obra digna do seu objecto.»¹⁷ Pouco depois, em Setembro, era ela publicada em primeira edição.

Foi mais demorada a tradução do Antigo Testamento, que só foi publicada, com o restante da Bíblia, em 1534, embora entretanto alguns livros separados tivessem vindo à luz. Nela foi ajudado por vários colaboradores, entre os quais Justus Jonas, Johannes Bugenhagen, Matheus Aurogallus, George Röer e Filipe Melanchton.

Sobre o cuidado com que foi elaborada a tradução, sobretudo do Antigo Testamento, dá-nos conta a sua *Carta sobre a arte de traduzir*, escrita em 1530: «Eu trabalhei cuidadosamente na interpretação, para que apresentasse a ideia em alemão claro e puro. Por vezes gastávamos quinze dias, três e quatro semanas só para interpretar uma palavra, nem sempre o tendo conseguido mesmo no fim desse prazo. No livro de Job, trabalhámos Aurogallus, mestre Filipe e eu, quatro dias para traduzir apenas três linhas. E isto porque eu queria falar em alemão, e não em hebraico, grego ou latim, e para isso é necessário não só consultar livros e letras, mas mães em casa, povo nas feiras e crianças nas ruas, de modo que se apanhe a verdadeira ideia expressa por uma certa palavra, pois eu não queria enganar o pensamento com palavras impróprias.»¹⁸

Não podíamos terminar esta referência aos mais notáveis escritos de Lutero, sem mencionar brevemente o *Catecismo Grande*, de 1526, a que ele próprio dedicava particular estima. Lemos aí este belo pensamento sobre a Sagrada Escritura: «A Palavra de Deus é a mais santa dentre todas as coisas santas; ela é mesmo a única coisa santa que, nós cristãos, conhecemos e possuímos.»¹⁹

A Palavra de Deus no círculo de Lutero e seus amigos

Lutero teve um selecto número de amigos, com os quais mantinha animadas conversas à mesa, naturalmente sobre os mais variados assuntos, mas convergindo sempre para o objectivo que todos eles se propunham — a reforma da sociedade chamada cristã.

Grande parte desses colóquios foram sendo registados por esse círculo de amigos, e após a morte do grande Reformador, ocorrida em 18 de Fevereiro de 1546, foram publicados sob o título de *Colloquia Mensalia* (Conversas à mesa). A primeira edição, sob o cuidado editorial de João Aurifaber, saiu em Eisleben, em 1566.

Como não podia deixar de ser, o tema da Palavra de Deus aflorava com frequência aos lábios de Lutero.

Respiquemos alguns exemplos, ao acaso.

«Quando eu era mais jovem, lia a Bíblia uma e outra e outra vez, e estava tão perfeitamente familiarizado com ela que podia, num instante, apontar para qualquer versículo que pudesse ter sido mencionado. Eu então lia os comentadores, mas em breve os pus de lado, porque descobri neles muitas coisas que a minha consciência não podia aprovar, como sendo contrárias ao texto sagrado. É sempre melhor ver com os próprios olhos do que com os dos outros.»²⁰

«O meu conselho é que tiremos água do verdadeiro manancial e fonte, isto é, que investiguemos diligentemente as Escrituras. Aquele que possui inteiramente o texto da Bíblia é um consumado teólogo. Um único versículo, uma única frase do texto, é de muito mais instrução do que toda uma hoste de glosas e comentários.»²¹

«Devemos fazer uma grande diferença entre a Palavra de Deus e a palavra do homem. A palavra do homem é um pequeno som, que voa para o ar e em breve se desvanece; mas a Palavra de Deus é maior do que o céu e a terra, sim, maior do que a morte e o inferno, porque forma parte do poder de Deus, e permanece para sempre. Devíamos, portanto, estudar diligentemente a Palavra de Deus, e saber e seguramente crer que o próprio Deus nos fala a nós.»²²

«A Bíblia é o livro que torna estultos os sábios deste mundo; é compreendida apenas pelos simples e humildes de coração. Estimai este livro como o precioso manancial que jamais pode ser esgotado.»²³

«Nenhum homem, sem provas e tentações, pode atingir uma compreensão verdadeira das Santas Escrituras.»²⁴

«Ninguém compreende as Escrituras, a não ser que esteja familiarizado com a cruz.»²⁵

«Oh! quão grande e gloriosa coisa é ter diante de si a Palavra de Deus! Com ela podemos em todas as ocasiões sentir-nos alegres e seguros; nunca precisamos de estar em necessidade de consolação, porque vemos diante de nós, em todo o seu brilho, o puro e recto caminho. Aquele que perde de vista a Palavra de Deus cai em desespero; a voz do Céu não mais o sustém; ele segue apenas a tendência desordenada do seu coração, e da vaidade do mundo, que o leva à sua destruição.»²⁶

«Não pode suceder maior desgraça ao povo cristão do que a Palavra de Deus ser deles retirada, ou falsificada, de maneira que não mais a tenham pura e clara. Não permita Deus que nós nem os nossos descendentes sejamos testemunhas de tal calamidade.»²⁷

Lutero e a Igreja Adventista perante a Bíblia Sagrada

O papel atribuído por Lutero à Bíblia Sagrada, como norma de fé e alimento da vida espiritual, é precisamente o mesmo que lhe atribui a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Talvez ninguém tenha definido melhor a nossa posição do que Ellen G. White, de quem são estas

elucidativas linhas: «Em Sua Palavra, Deus conferiu aos homens o conhecimento necessário para a salvação. As Sagradas Escrituras devem ser aceites como autorizada e infalível revelação da Sua vontade. São elas a norma do carácter, o revelador das doutrinas, a pedra-de-toque da experiência religiosa.»²⁸

Por outro lado, entre as «Crenças Fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia», publicadas no *Manual da Igreja*, a primeira crença mencionada, repetindo quase as mesmas palavras de E. G. White, refere-se justamente à Bíblia: «As Escrituras Sagradas, o Velho e o Novo Testamentos, são a Palavra de Deus escrita, dada por inspiração divina por intermédio de santos homens de Deus que falaram e escreveram ao serem movidos pelo Espírito Santo. Nesta Palavra, Deus transmitiu ao homem o conhecimento necessário para a salvação. As Escrituras Sagradas são a infalível revelação de Sua vontade. Constituem o padrão do carácter, a prova da experiência, o autorizado revelador de doutrinas e o registo fidedigno dos actos de Deus na História.»²⁹

Vemos, pois, que perante a Bíblia Sagrada é idêntica a posição de Lutero e da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Sucedo, porém, que a Palavra de Deus é uma mina inesgotável e Lutero, como pioneiro, conseguiu explorar apenas alguns dos seus ricos filões. Herdeiro de uma pesada acumulação de tradições e doutrinas eclesásticas, trouxe à luz importantes verdades, ao mesmo tempo que outras permaneceram para ele despercebidas.

Quanto se regozijaria Lutero se pudesse acompanhar as descobertas que depois dele foram sendo realizadas, ao longo dos anos, nas Sagradas Escrituras!

Como se alegraria conosco ao reconhecer como bíblicas as crenças que hoje professamos!

Referências

- (1) «Eu apenas li a Bíblia em Erfurt, no convento. *The Table Talk of Martin Luther*, translated and edited by William Hazlitt. London: George Bell and Sons, 1900, pág. 126
- (2) J. H. Merle d'Aubigné, *História da Reforma do Décimo-Sexto Século*, trad. do original francês. New York: American Tract Society, Tomo I, s/d, pág. 203.
- (3) Roland H. Bainton, *Here I Stand — A Life of Martin Luther*. New York: Abingdon-Cokesbury Press, 1950, págs. 58, 60.
- (4) Merle d'Aubigné, *op. cit.*, págs. 231, 232.
- (5) Carta de 29 de Agosto de 1529, a Johannes Brenz. Martin Luther, *Oeuvres*. Genève: Labor et Fides, tomo VIII, 1959, pág. 125
- (6) *Table Talk*, pág. 3
- (7) Carta de 18 de Janeiro de 1718, a Spalatin. M. Luther, *Oeuvres*, tomo VIII, págs. 22-24.
- (8) Martin Luther, *Oeuvres*, tomo II, 1966, págs. 146, 147.
- (9) Id., *ibid.*, pág. 245.
- (10) Id., *ibid.*, pág. 177.
- (11) Id., *ibid.*, pág. 272.
- (12) Id., *ibid.*, pág. 277.
- (13) Apud R. H. Bainton, *Op. cit.*, pág. 162.
- (14) Martin Luther, *Oeuvres*, tomo II, pág. 316.
- (15) Id., *Op. cit.*, tomo VIII, pág. 70.
- (16) Id., *ibid.*, pág. 73.
- (17) Id., *ibid.*, pág. 88.
- (18) Apud J. Tomé da Silva, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, *Lutero como Pedagogo*. Viana: André J. Pereira & Filho, 1913, págs. 56, 57.
- (19) Martin Luther, *Oeuvres*, tomo VII, 1962, pág. 47.
- (20) *Table Talk*, pág. 15.
- (21) *ibid.*, pág. 3.
- (22) *ibid.*, pág. 20.
- (23) *ibid.*, pág. 26.
- (24) *ibid.*, pág. 27.
- (25) *ibid.*, pág. 25.
- (26) *ibid.*, pág. 9.
- (27) *ibid.*, pág. 6.
- (28) Ellen G. White, *O Grande Conflito*. Sacavém: Publicadora Atlântico, 1975, pág. 12.
- (29) *Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia*. Sacavém: Publicadora Atlântico, 1981, pág. 29.

PARA OS MAIS NOVOS

O Elefante Teimoso

por GINGER CHURCH

Mesmo as pessoas grandes têm por vezes dificuldade em ver os animais no Jardim Zoológico. Por isso, quando nos ofereceram os bilhetes, a mim e ao meu marido Denis, para passarmos uma noite especial, somente para sócios, no Zoo Nacional de Washington, D.C., Estados Unidos da América, ficámos excitados ao pensar que teríamos a oportunidade de nos aproximar dos animais e ver tudo.

Logo que saímos do carro, juntámo-nos a um grupo de pessoas que observavam um elefante gigante. Os seus dois tratadores esforçavam-se por persuadi-lo a entrar numa grande piscina para tomar um banho. Ele molhava os seus pés, mas recusava-se a entrar mais em profundidade na água. Quando um tratador tentou empurrá-lo para dentro da piscina, o elefante levantou uma das suas patas dianteiras e colocou-a por cima da água que corria dum tubo e salpicou o homem, da mesma maneira como tu fazes quando pões o teu dedo na ponta da mangueira dum jardim para regar alguma coisa.

Nós esperámos que o elefante entrasse completamente na água, mas ele tinha outras ideias, e no momento em que os seus tratadores voltaram costas ele saiu da água.

Quando o elefante começou a subir a rampa da piscina o tratador dirigiu-se a ele e pareceu falar-lhe gentilmente. O que ele disse eu não sei, mas o elefante voltou atrás para a piscina. Desta vez entrou na água até aos joelhos e uma vez mais se voltou e olhou para

o seu tratador como se perguntasse: «Tenho na verdade de fazer isto?» Assim como tu sabes que deves obedecer aos teus pais, o elefante deve ter sentido o mesmo pois no instante seguinte mergulhou na água.

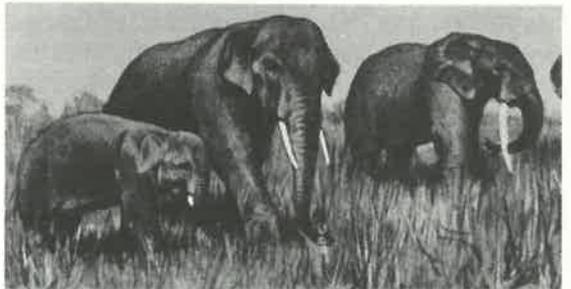
Deixei a vossa imaginação acompanhar-me, e poderéis ver este enorme animal, que Deus criou, a brincar na água como tu costumás fazer numa piscina. Mergulhando, nadando, chapinhando, dando cambalhotas; este animal corpulento parecia completamente diferente do animal de andar pesado e desajeitado que ele é em terra.

Era como se o elefante se tivesse tornado num peixe gigante brincalhão. Onde antes parecia relutante em molhar-se, agora parecia não mais querer parar.

Nós observámos durante muito tempo. Depois, como havia muito mais para ver, tivemos finalmente de partir daquele local, mas o grande elefante continuava ainda mergulhando na água e essa bela imagem permanecia ainda na nossa mente.

Eu aprendi alguma coisa ao observar o elefante teimoso. Assim como ele necessitava do banho para se manter saudável, assim necessitamos nós de coisas para nos sentirmos bem: ar puro, luz solar, repouso abundante, boa comida, água pura, exercício, confiança em Deus e amor por Ele.

Às vezes podemos não desejar o que é melhor para nós, mas quando finalmente fazemos a escolha correcta, os resultados são sempre melhores do que esperávamos.



A Descoberta

HAROLD N. WILLIAMS

Na década de 1860 alguém enviava regularmente a *Review and Herald* (Revista Adventista Americana) a Luther Nathan Lane e sua mulher Mary. O pastor Lane era um lavrador Metodista e pregador leigo. Ele estava convencido de que conhecia muito bem a sua Bíblia e tinha a certeza de que aqueles «Adventistas que guardavam o Sábado em vez do Domingo estavam redondamente enganados». Não queria nada com eles.

Mary usava essas Revistas, com sabugos de milho e petróleo, para acender todas as manhãs o lume. Um dia encontrava-se ela diante do grande fogão da cozinha, à espera que o lume pegasse e disse de si para si: «Alguns amigos estão fazendo sacrifícios para nos enviar estas Revistas. Se algum dia alguém me perguntasse se as recebo e leio, detestava ter de ferir os seus sentimentos. Vou ler nem que seja um bocado de uma página enquanto estou aqui sentada à espera que o lume comece a arder.»

O artigo que Mary começou a ler era sobre o Sábado. Ela ficou tão interessada que se esqueceu de tudo o mais e quando acabou de ler prometeu a Deus, ali, diante do grande fogão da cozinha, que iria guardar o Sábado. Mas, como poderia ela contar isso ao seu marido? Ele haveria de pensar que ela endoecera!

Durante três semanas seguidas Mary fez todas as suas limpezas e cozeu o seu pão na Sexta-feira, em vez de no Sábado, como costumava. E assim guardou o Sábado secretamente. No Domingo ia com Nate à igreja. Ia tremendo de medo, mas por dentro sentia-se em paz com o seu Criador.

Uma manhã, quando Nate se encontrava no exterior da casa, viu no chão um pedaço de papel e apanhou-o. Era um fragmento de uma página rasgada da *Review and Herald*. Tinha escritas algumas referências bíblicas. Nate pensava que conhecia bem a sua Bíblia, mas aquelas referências pareceram-lhe estranhas. Guardou o pedaço de papel no bolso do casaco.



Quando entrou em casa, dirigiu-se ao seu estúdio, onde costumava preparar os seus sermões. Ele era um grande estudioso de História e da Bíblia. Pegou nas Sagradas Escrituras e foi ver os versículos que aquelas referências bíblicas indicavam. Nate ponderou na mensagem que aqueles versículos continham. Fechou a porta, ajoelhou-se e prometeu a Deus guardar o Sábado, pois esses versículos referiam-se ao santo Sábado do Senhor. Mas também Nate tinha um problema: Como é que ele iria dizer isso à sua congregação? Pior do que tudo, como iria dizê-lo a Mary, sua mulher? Eles eram um casal muito feliz.

Nate foi até à cozinha e tomou Mary nos seus braços. Disse-lhe que tinha uma coisa muito importante para lhe dizer, uma coisa que iria mudar toda a vida deles. Talvez que ela pensasse que ele perdera o juízo, mas isso não era verdade. Nate fez-lhe prometer que ela não troçaria dele quando lhe contasse o que acontecera. A mulher ficou alarmada com os modos dele e fez-lhe a promessa solene que ele lhe pedia. Ele pensava: «Que coisa terrível pode ter acontecido? O que pode ser para mudar as nossas

HAROLD N. WILLIAMS

Pastor reformado, vive em Shreveport, na Luisiana, e com 93 anos está ainda pregando.

vidas? Terá ele alguma doença terrível? Estará o nosso casamento em perigo?»

Então Nate narrou-lhe o que lhe acontecera. Mary riu alto e bateu as palmas, o que feriu terrivelmente o marido, visto ela ter quebrado a promessa que lhe fizera.

Então Mary segurou o rosto do marido nas suas mãos, olhou-o amorosamente nos olhos e disse-lhe: «Nate querido! Eu não me estou a rir de ti. Só que não posso deixar de rir porque estou cheia de alegria! Ouve! Não achaste nada diferente aqui em casa nas últimas três semanas? Eu estava com medo de te dizer. É que eu li acerca do Sábado na *Review and Herald* que alguém nos está enviando. Deus convenceu-me de que eu devia guardar o Sábado e eu prometi fazê-lo. Há três semanas que faço o meu

trabalho habitual de Sábado na Sexta-feira, o dia da preparação e já guardei três Sábados adiante de ti.»

Então riram ambos e juntos se alegraram na verdade do Sábado que o Senhor lhes revelara. Luther Nathan Lane, o pregador Metodista que pensava que «aqueles Adventistas que guardavam o Sábado em vez de Domingo e não comem carne de porco estão enganados», tornou-se um pastor Adventista consagrado, e trouxe muitas centenas de convertidos para o Senhor e para a guarda dos Seus Mandamentos. As suas duas filhas, depois de terem frequentado o Colégio de Battle Creek foram obreiras bíblicas. Os trinetos de Nate são hoje a quinta geração de obreiros do Evangelho na Igreja Adventista do Sétimo Dia, porque um dia alguém enviou aos Lanes a *Review and Herald*.

«Lembra-te do dia do Sábado para o santificar»

ELLEN G. WHITE

Há maior santidade no Sábado do que lhe atribuem muitos que professam observá-lo. O Senhor tem sido grandemente desonrado por parte dos que não têm observado o Sábado conforme o mandamento, quer na letra, quer no espírito. Ele sugere uma reforma da observância do Sábado.

O Senhor inicia o quarto mandamento com esta expressão: «Lembra-te». Previu Ele que, no meio de cuidados e perplexidades, o homem seria tentado a eximir-se à responsabilidade de satisfazer todos os reclamos da Lei, ou esquecer-se da sua sagrada importância. Por isso diz: «Lembra-te do dia do Sábado para o santificar» (Êxodo 20:8).

Durante toda a semana cumpre-nos ter em mente o Sábado e fazer a preparação indispensável, a fim de observá-lo conforme o mandamento.¹

Devemos observar cuidadosamente os limites do Sábado. Lembrai-vos que cada minuto é tempo sagrado.

Há ainda outro ponto a que devemos dar a nossa atenção no dia da preparação. Nesse dia todas as divergências existentes entre irmãos, tanto na família como na igreja, devem ser removidas. Afaste-se da alma toda a amargura,

ira ou ressentimento. Com espírito humilde «confessai as vossas culpas uns aos outros, e orai uns pelos outros, para que sareis» (Tiago 5:16).

Santificar o Sábado ao Senhor importa em salvação eterna. Deus diz: «Aos que Me horam honrarei» (I Samuel 2:30).²

Exorto-vos, caros irmãos e irmãs: Lembrai-vos «do dia do Sábado para o santificar». Se desejais ver os vossos filhos observarem o Sábado conforme o mandamento, deveis ensinar-lhes isto, tanto por preceito como pelo exemplo. A verdade, profundamente impressa no coração, jamais haverá de ser totalmente obliterada. Poderá ser obscurecida, mas nunca destruída. As impressões feitas na tenra infância, hão-de manifestar-se também nos anos futuros. As circunstâncias podem separar dos pais os filhos, e afastá-los do convívio da família, mas por toda a vida as instruções recebidas na infância e mocidade lhes hão-de ser uma bênção.³

1 *Testemunhos Selectos*, vol. 3, p. 20

2 *Ibid.*, pp. 22 e 23

3 *Ibid.*, p. 26

A Fome em três dimensões

ENOCH DE OLIVEIRA

No dia 14 de Maio será recolhida em todo o mundo uma oferta em favor das vítimas de fomes e cataclismos.

Abordando o cruciante e actual problema da fome, o Pastor Enoch de Oliveira apresenta as suas três dimensões: fome física, fome intelectual e fome espiritual, fazendo sobressair a responsabilidade da Igreja não só em prover meios de socorro social, mas também em repartir o Pão da Vida.

Três espécies de fome atingem de maneira dramática a geração contemporânea. Enquanto escrevemos este artigo, contemplamos com a imaginação enormes massas humanas envolvidas dentro do círculo de ferro da fome. São milhões de homens, mulheres e crianças que, com mãos débeis e trémulas, seguram um prato vazio, símbolo expressivo do pauperismo e fome que ameaçam a paz social.

«Nesta noite — declarou pateticamente o ex-senador chileno Rodomiro Tomic — cento e trinta milhões de criaturas de toda a América Latina fecharam os olhos com fome, com fome física de pão!» *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. XX, p. 507.

O Dr. Ralph Phillips, secretário científico para a Agricultura, na Conferência das Nações Unidas, falando sobre o problema da fome, disse: «Se todos os habitantes do mundo se sentassem a uma mesma mesa para comer, sendo reservados para cada um sessenta centímetros de comprimento da mesa em ambos os lados, seria necessário, para os quatro biliões de habitantes do nosso planeta, uma mesa que desse mais de trinta e uma voltas à Terra pelo Equador.

«Além do mais esta mesa teria que ser aumentada, a partir de agora, cerca de trinta e cinco quilómetros por dia para convidar os recém-chegados. Calcula-se que a população mundial será o dobro da actual no final do século. Assim, imagina-se que no ano 2000 a mesa teria que dar mais de sessenta e duas voltas em torno da Terra. O seu alongamento quotidiano médio seria de noventa e sete quilómetros.» — *Folha de São Paulo*, 6 de Fevereiro de 1972.

As possibilidades para alimentar a tantas bocas num mundo estremeado pela explosão demográfica

ca seriam demasiado remotas.

Num recente congresso internacional de Nutrição, realizado no Rio de Janeiro, o director-executivo do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) declarou: «Morrem anualmente, nos países menos desenvolvidos, quinze milhões de crianças, como resultado da desnutrição:» — *O Globo*, 28 de Agosto de 1978.

Com efeito, metade da população mundial é subalimentada e um quarto dela vive em absoluta pobreza. Dezenas de milhões de crianças sofrem danos cerebrais irreversíveis por falta de uma alimentação adequada.

Mas, por estranho que pareça num mundo onde milhões de pessoas não podem obter sequer uma refeição por dia, desponta florescente o mercado dos cães, com o qual se consomem somas milionárias.

Segundo pesquisa da Cargill, uma das grande produtoras de rações para animais, em 1974 os americanos gastaram mais dinheiro para alimentar os seus cães do que em alimentos para os bebés. Nesse ano somente, as vendas de rações para cães em «Food Stores» atingiram um bilião e setecentos milhões de dólares (cento e cinquenta e três biliões de escudos) considerando três tipos de produtos: enlatados, secos e «moisture» (uma pasta homogénea e húmida). Em 1976 o mercado dos Estados Unidos, que tem vinte e três milhões de cães (1 para cada 9 habitantes) foi avaliado em quarenta biliões de dólares (três mil oitocentos escudos), incluindo a venda de filhotes e os negócios realizados por fábricas de alimentos, laboratórios farmacêuticos, supermercados, lojas de artigos caninos e o dinheiro gasto em exposições.

No Brasil existem cerca de onze milhões de cães (1 para cada 10 habitantes), que consomem qui-

ENOCH DE OLIVEIRA

Vice-presidente da Conferência Geral

nhentos milhões de cruzeiros (cinquenta milhões de escudos) em rações industrializadas e, incluindo o facturamento dos laboratórios farmacêuticos, «pet shops», clínicas, hospitais e outros serviços, a cifra sobe a mais de um bilião de cruzeiros (cem milhões de escudos) (*Tendência*, Junho de 1977).

Quão paradoxal é o nosso século! Tanto dinheiro gasto em extravagâncias caninas, enquanto milhões de desventuradas criaturas, em diferentes partes do mundo, vivem o drama comovente que resulta da ausência de pão!

A outra fome que caracteriza a geração actual, é a fome da mente — uma fome por ideias, por ideologias, pela verdade.

Com efeito, assistimos nos nossos dias a uma febril e tumultuosa eclosão de ideias e doutrinas, representadas nos multifórmes «ismos»: humanismo, positivismo, materialismo, racionalismo, marxismo, existencialismo, evolucionismo, freudismo, e seus inúmeros congêneres.

Essa profusão extraordinária de doutrinas e dialéticas tem inspirado a «edição e venda de cerca de um bilião e quinhentos milhões de livros, num ano, somente nos Estados Unidos» (Warren K. Agee — *Introdução à Comunicação de Massa*, p. 197). Esse dilúvio de publicações constitui uma resposta a esta fome voraz de novas ideias.

Existem, nos nossos dias, quinhentos milhões de analfabetos entre as idades de quinze e cinquenta anos. Entre esses milhões que não sabem ler, a fome da mente manifesta-se de maneira intensa. Unidos, eles erguem-se agora, clamando por escolas, exigindo o direito de serem alfabetizados.

Atendendo a esse veemente clamor a UNESCO iniciou recentemente uma gigantesca campanha de âmbito internacional, tendo como objectivo alfabetizar, dentro de um decénio, trezentos e cinquenta milhões desses quinhentos milhões iletrados. Esta é, sem dúvida, uma extraordinária realização.

Há uma terceira espécie de fome — a fome de Deus. O homem

necessita o amparo de uma esperança. Sem que essa fome seja satisfeita, o ser humano embrutece-se e animaliza-se.

O patriarca Job tinha em grande estima o alimento espiritual. Mais até que o pão que nutria o seu corpo, ele prezava a Palavra de Deus. No meio da sua imensa dor, expressou-se assim: «... E as palavras da Sua boca prezei mais do que o meu alimento». Job 23:12.

O profeta Jeremias encontrou a Palavra de Deus e, regozijando-se, disse: «Achando as Tuas palavras logo as comi, e a Tua palavra foi para mim o gozo e a alegria do meu coração». Jer. 15:16.

Em contraste com a experiência desses homens que provaram o

Pão da vida, e dele fortaleceram o coração, temos o angustioso drama vivido por homens e mulheres que, famintos espiritualmente, vivem sem Cristo e sem esperança.

«Vivemos numa época em que há a fazer uma grande obra. Existe na Terra fome do evangelho verdadeiro, e o Pão da vida deve ser ministrado às almas famintas». — *Serviço Cristão*, pág. 152.

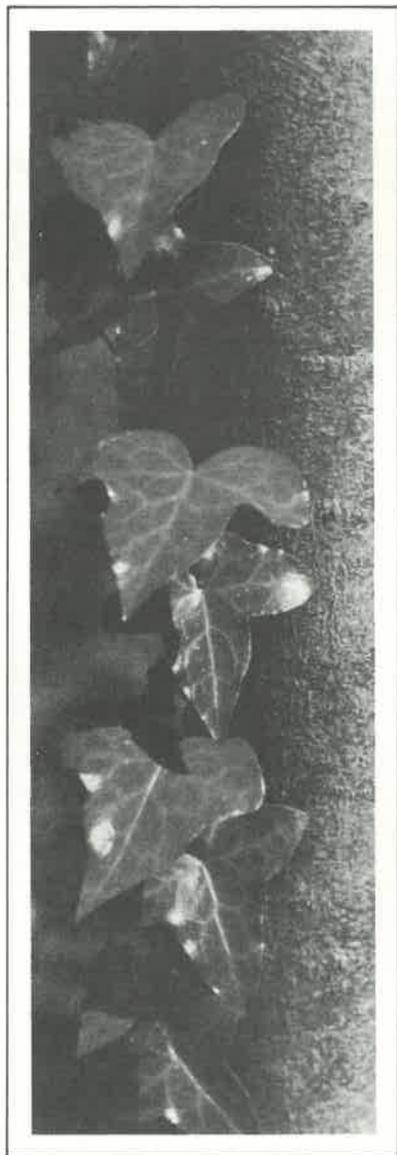
«O mundo perece pela carência do Evangelho. Há fome da Palavra de Deus. Poucos pregam a Palavra não misturada com tradições humanas. Embora os homens tenham nas mãos a Bíblia, não recebem a bênção que, para eles, Deus nela colocou. O Senhor chama os Seus Servos para levarem a mensagem ao povo. A Palavra de vida eterna deve ser dada aos que perecem nos seus pecados». — *Parábolas de Jesus*, pág. 228.

Como arautos da verdade, mensageiros da esperança, necessitamos acelerar as nossas actividades a fim de apresentar ao mundo o Único capaz de satisfazer a fome da alma: «Jesus, esperança da glória».

Assistimos nos nossos dias ao cumprimento parcial de uma mui significativa predição: «E eis que vêm dias, diz o Senhor Jeová, em que enviarei fome sobre a Terra, não fome de pão, nem sede de água, mas de ouvir a Palavra do Senhor». Amós 8:11.

Como Igreja estamos conscientes de que multidões aflitas e desesperadas enlanguescem na mais melancólica inanição espiritual. Milhões estão sucumbindo à mínima de esperança e fé. Não têm o necessário para suprir a fome do coração. Mas nós, que recebemos o Pão da vida, temos o dever intransferível de partilhá-lo com os famintos, com os que definham sem Deus e sem esperança.

Jamais as possibilidades para a realização dessa obra foram tão brilhantes como agora. «Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor». I Cor. 15:58. Que segurança! Que certeza de resultados! Tal promessa constitui infalível fonte de inspiração e ânimo.



O Dom de Profecia Através dos Séculos

MANUEL CORDEIRO

No princípio, quando Deus criou Adão e Eva — os progenitores da humanidade —, Deus Se comunicava directamente com eles. Logo após a queda esta comunicação directa foi interrompida devido à separação que o pecado causa entre Deus e o homem. Todavia, Deus não deixou o homem entregue a si mesmo e foi-lhe dando, através dos séculos, instruções e orientação por meio do dom de profecia.

O dom de profecia é atribuído a um homem ou mulher pelo próprio Deus. Não é o homem que o busca, mas sim Deus que o outorga a quem Ele escolhe para tal missão. A missão dum profeta consiste em receber de Deus as instruções, advertências, conselhos e até repreensões e reprovações para as transmitir ao povo a quem elas são dirigidas, nomeadamente o povo de Deus. A prosperidade espiritual do povo de Deus está na razão directa em que acolhe e põe em prática tais instruções. Rejeitando-as seguir-se-á retrocesso e cegueira espirituais.

O Falso e o genuíno neste dom

Como com todos os dons que Deus tem dado ao Seu povo, também este não está isento de contrafacções. A primeira contrafacção do dom profético teve lugar ainda no Éden, ao contradizer Satanás, por intermédio da serpente, as palavras de Deus a Adão e Eva para que estes não comessem da árvore da ciência do bem e do mal. (Génesis 3:1-5). Daí para cá tem Satanás envidado todos os esforços para confundir e enganar os espíritos dos homens com as suas contrafacções e este dom.

Durante os tempos do Velho Testamento houve várias ocasiões em que os falsos profetas sobrepujaram em número os profetas genuínos de Deus. Por exemplo, no tempo do ímpio rei Acabe, Elias considera-se o único profeta de Deus, enquanto que os profetas de Baal eram 450. (I Reis 18:22).

O próprio Senhor Jesus advertiu os Seus discípulos a acutelarem-se dos falsos profetas (Mat. 7:15) e predisse, como sinal dos tempos, que surgiriam «falsos cristos e falsos profetas» para enganar «se possível fora, até os escolhidos» (Mat. 24:24). E o apóstolo Paulo afirma que «tais falsos apóstolos são obreiros fraudulentos, transfigurando-se em apóstolos de Cristo. E não é maravilha, porque o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz» (II Cor. 11:13-14).

Como distinguir o falso do genuíno?

Deus não nos deixou desprovidos da capacidade de distinguir o falso do genuíno neste dom. O apóstolo Paulo declarou aos gálatas que se ele mesmo, ou um anjo do céu lhes anunciasse outro evangelho diferente daquele que lhes havia ensinado anteriormente, que o considerassem anátema, isto é, indigno de aceitação. (Gál. 1:8). E o apóstolo João refere que «se alguém vem ter convosco, e não traz esta doutrina, não o recebeis em casa, nem tão pouco o saudeis». (II João 10). também Isaías, no Velho Testamento, afirma que o verdadeiro profeta falará de acordo com a lei de Deus — os Dez Mandamentos — e o testemunho. Caso contrário é porque não há luz ou inspiração divina nele. (Isa. 8:20).

O Dom de profecia na Igreja Cristã

Cristo é o autor de toda a profecia. Por Seu intermédio ou do Seu Espírito tem Ele comunicado as instruções de Deus ao Seu povo e até a indivíduos pagãos para os chamar para a Sua salvação e verdade. Foi Ele próprio que apareceu a Moisés na sarça ardente (Êxo. 3:2-5) e mais tarde a Josué na figura de um anjo com uma espada desembainhada, a quem Josué reverentemente adorou (Jos. 5:13-15).

Ora, se Cristo é o autor e originador de toda a profecia, é de crer que Ele tenha conferido este dom à Sua igreja. O facto de Jesus ter advertido contra falsos profetas (Mat. 24:24), indica implicitamente que deveria haver profetas verdadeiros. O apóstolo Paulo refere em Efésios 4:11 que «Ele mesmo deu uns para apóstolos e outros para profetas, ...». E em Romanos 12:6 refere que, «tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada, se é profecia seja ela segundo a medida da fé». Também em I Coríntios 12:7-11 refere que a «manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil. Porque a um pelo Espírito é dada a palavra da sabedoria, e a outro pelo mesmo Espírito a palavra da ciência; ... e a outro a profecia; ... Mas um só é o mesmo Espírito opera todas estas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer». E ainda em I Tessalonicenses 5:20 apela: «Não desprezeis as profecias».

Embora tenhamos estas provas da existência do dom de profecia na igreja cristã, muitos cristãos creem que tal dom cessou com a morte de João, o revelador, cerca do ano 100 A.D.. Se assim fosse, como teria Cristo prometido este dom à Sua Igreja! E como teria Ele predito que a Sua igreja dos últi-

MANUEL CORDEIRO

Pastor da Igreja de Leiria e Redactor da Revista Adventista

mos dias teria no seu seio este dom? (Apoc. 12:17 que diz que terá o «testemunho de Jesus». Ora o «testemunho de Jesus é o espírito de profecia» — Apoc. 19:10).

É certo que, com o desaparecimento dos apóstolos da liderança da igreja, se seguiu um longo período de trevas espirituais devido às heresias que nela penetraram, as quais quase extinguiram este dom. Já dizia Salomão que «não havendo profecia o povo se corrompe», ou perece como traduzem outras versões. (Prov. 29:18). E foi exactamente isto que aconteceu. Recusando os novos dirigentes da igreja seguir as instruções de Deus através do dom profético, foram levados à aceitação de heresias e consequente apostasia. Já o apóstolo Paulo se referira a esta experiência quando se dirigiu aos anciãos de Éfeso: «Porque eu sei isto, que, depois da minha partida entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não perdoarão ao rebanho; e que dentre vós mesmos se levantarão homens que falarão coisas perversas para atraírem os discípulos após si. (Actos 20:29, 30). E em II Tessalonicenses 2:3-4 diz: «Ninguém de maneira alguma vos engane; porque não será assim sem que antes venha a apostasia, e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição; o qual se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus».

Mas tal como aconteceu com o povo de Israel, assim tem acontecido com a igreja cristã. Depois de um período, mais ou menos longo, de trevas espirituais, Deus sempre interveio a favor dos seus fiéis, que embora poucos constituíam a Sua igreja verdadeira na terra, e da vindicação da Sua verdade. Foi o que aconteceu com os Valdenses, Albigenses e Huguenotes, com João Wycliffe, considerado a «estrela da alva da reforma», Lutero, Calvino, Knox e tantos outros a quem Deus Se manifestou com o Seu Santo Espírito a fim de realizar uma obra de reavivamento da primitiva piedade e consequente restauração da verdade. A obra de tais homens constituiu a proclamação da verdade presente para o seu tempo.

O Dom de profecia nos últimos dias

Se foi importante e necessário o dom de profecia em épocas passadas, muito mais o é nestes últimos dias da história da Terra, período este que deve testemunhar a preparação dum povo para a vinda do Senhor Jesus Cristo, com poder e grande glória.

Era necessária uma mensagem de verdade presente para este tempo, mensagem essa que restaurasse e implantasse a verdade de Deus nos corações de homens e mulheres de todas as nações e lhes pregasse a Cristo e Este crucificado, e o arrependimento dos pecados no Seu nome.

E Deus tem cumprido o que prometeu por intermédio do profeta Joel a respeito dos nossos dias. «E há-de ser que, depois, derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos

mancebos terão visões. E também sobre os servos e servas naqueles dias derramarei o meu Espírito», (Joel 2:28-29). Deus tem estado a manifestar o Seu poder e a Sua glória a homens e mulheres em todo o mundo chamando-os das trevas para a Sua maravilhosa luz.

Quando no século passado, particularmente na década de 1840, Deus suscitou um grande movimento de reavivamento espiritual a nível mundial, a fim de proclamar a mensagem da breve volta de Cristo a este mundo, não deixou de parte este dom a fim de acompanhar, guiar e orientar esse movimento até ao aparecimento de Jesus Cristo nas nuvens dos céus.

«... derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos mancebos terão visões. E também sobre os servos e servas naqueles dias derramarei o meu Espírito».

(Joel 2:28, 29)

Em 1842 Deus chamou o jovem Guilherme Foy para a delicada tarefa de proclamar ao povo expectante de Deus as instruções que Deus lhe havia transmitido em 3 visões. O jovem Foy ficou aterrorizado perante o peso de tal responsabilidade. Todavia, como Deus insistisse com ele, resolveu, ainda que relutante, apresentar as suas mensagens durante 3 meses. Mas finalmente abandonou tal missão.

Depois Deus chamou ainda outro jovem de nome Hazen Foss, no Outono de 1844. Este também recusou tal missão. Antes porém, devido à insistência de Deus, resolveu certo dia convocar uma reunião com vários dos seus amigos para transmitir a mensagem que Deus lhe tinha dado. Entretanto, devido à sua relutância em cumprir a sua missão, Deus havia-lhe dito que tinha escolhido «o mais fraco dos mais fracos» para tal missão. Quando pretendeu relatar as suas visões na dita reunião apenas disse: «O que me foi dito me passou da mente». Poucos meses mais tarde ao ouvir o relato que Ellen Harmon fez das suas visões disse: «Foi isso que eu vi». E saiu da sala dizendo: «Sou um homem perdido». Na realidade, Foss nunca mais teve qualquer interesse religioso na sua vida até à sua morte.

Finalmente Deus chamou a jovem Ellen Gould Harmon, na altura com apenas 17 anos de idade. Ellen era uma jovem muito consagrada e dedicada à causa de Deus. Cedo na vida se convertera e se baptizara, por imersão, na igreja Metodista. Mais tarde ao ouvir as mensagens de Guilherme Miller acerca da vinda de Cristo aceitou essas verdades alegremente e uniu-se ao pequeno grupo de crentes que

aguardavam o advento de Cristo para 1844. Apesar de ser de constituição fraquinha e frágil devido a um acidente que sofrera aos 9 anos de idade, ao ser atingida no nariz por uma pedrada atirada por uma sua colega, contra outra das suas colegas, quando regressava da escola, o qual a impediu de prosseguir na escola e de obter uma instrução mais completa, tendo ficado apenas com o 3.º grau, Deus não hesitou em a chamar para tão delicada e pesada responsabilidade. E ela na sua humildade, depois de se ter certificado que Deus, na realidade, a estava chamando, aceitou temerariamente essa missão, pois não se considerava digna nem preparada para tão elevada missão. Teve a sua primeira visão em Dezembro de 1844. Quando dois anos mais tarde casou com o Pastor Tiago White, em 30 de Agosto de 1846, passou a ser conhecida por Ellen G. White.

Terá Ellen White sido uma verdadeira profetisa dos últimos dias?

De acordo com as indicações das Escrituras, o melhor que temos a fazer para responder a esta pergunta, é aplicar à sua vida e obra os testes dum verdadeiro profeta:

1. Um verdadeiro profeta não mente. As suas predições cumprir-se-ão. — Jeremias 28:9. Os adivinhos e os parapsicólogos que reivindicam menos de 100 por cento de exactidão nas suas predições falham neste teste.

2. Um verdadeiro profeta profetiza em nome do Senhor. Não no seu próprio nome. — II Pedro 1:21.

3. Um verdadeiro profeta não dá a sua própria e particular interpretação da profecia. — II Pedro 1:20.

4. Um verdadeiro profeta aponta os pecados e as transgressões do povo contra Deus. — Isaias 58:1.

5. Um verdadeiro profeta adverte o povo acerca do juízo vindouro de Deus. — Isaias 24:20.

6. Um verdadeiro profeta edifica a igreja, aconselha-a e exorta-a no que respeita a assuntos religiosos. — I Coríntios 14:3-4.

7. As palavras dum verdadeiro profeta estarão em harmonia com as palavras dos profetas que o precederam. — Isaias 8:20.

8. Um verdadeiro profeta reconhece a encarnação de Cristo. — I João 4:1-3.

9. Um verdadeiro profeta reconhece-se pelos frutos da sua vida e obra. — Mateus 7:16-20.

10. Um verdadeiro profeta age de acordo com a vontade e a aprovação de Deus. — Deuterónimo 18:9-12.

De acordo com estes testes, é bem evidente que nem todos os que se dizem profetas o são. A missão dum profeta é muito mais ampla do que simplesmente predizer assassínios políticos, desastres de aviação, catástrofes, ou predizer o futuro por meio de astrologia ou pela comunicação com espíritos in-

visíveis. Um verdadeiro profeta não utiliza amuletos ou bolas de cristal, mas é alguém cuja mente é, de modo especial, controlada por Deus em ocasiões específicas, o qual tem conhecimento absoluto tanto do tempo passado como futuro.

O poder por detrás de Ellen G. White guiou-a a um completo e absoluto cumprimento dos testes Bíblicos quanto a um verdadeiro profeta. O seu discernimento e percepção de assuntos médicos e de saúde, por exemplo, eram (e ainda são) tão surpreendentes que muitos médicos e nutricionistas ainda se maravilham das suas predições.

«Os porquês e as razões disto, não sei» confessou ela em 1901 ao referir-se a uma questão de nutrição, «mas dou-vos a instrução tal como me foi dada».



Antes da sua morte em 1915, a senhora White havia completado uma verdadeira biblioteca de livros. Nesses livros encontramos algumas das suas predições e percepções mais surpreendentes. Referirei apenas, dentre muitas, as seguintes:

Em 1905, no livro *Ciência do Bom Viver*, ela referiu-se a «germes cancerosos» que podem permanecer dormentes no corpo humano durante muitos anos antes de iniciarem a sua carreira destrutiva. Durante este século muitas pesquisas médicas têm

sido levadas a efeito a fim de determinar as causas do cancro. Em 1956 o Dr. Wendell Stanley, Prémio Nobel em Química, relatou a sua convicção de que «germes» (ele denominou-os de vírus) são a principal causa do cancro.

No mesmo livro ela disse: «O homem que formou o hábito de usar bebidas intoxicantes encontra-se numa situação desesperada. O seu cérebro fica doente e a sua força de vontade enfraquece». Em 1969 o Dr. Melvin H. Knisely, da Universidade da Carolina do Sul, em Charleston, emitiu um relatório sobre os efeitos do álcool, no qual declara: «Toda a vez que uma pessoa toma alguns tragos duma bebida alcoólica — mesmo que sejam umas poucas de cervejas ou cocktails numa reunião social — danifica permanentemente o seu cérebro, e provavelmente também o seu coração e fígado».

Em 1864 ela advertiu contra o tabaco chamando-o «um veneno da mais enganosa e maligna espécie. ... É mais perigoso porque os seus efeitos sobre o sistema são muito lentos, e a princípio dificilmente perceptíveis».

Em 1896 ela advertiu contra o uso de gorduras saturadas na alimentação, devido a serem causadoras de doenças cardíacas. Em 1869 falou de «correntes eléctricas no sistema nervoso» e em 1872 da «força eléctrica do cérebro». Sessenta anos mais tarde foi oficialmente reconhecida a existência de ondas cerebrais.

Em 1890 ela previu anarquia, derramamento de sangue, desordens, etc. Em 1891 anteviu a inquietude da juventude e a sua viciação nas drogas.

Mas a principal obra de Ellen White foi a de orientar a igreja de Deus dos últimos dias, face aos perigos e dificuldades por que teria de passar, até à vitória final. E esta missão ela a desempenhou fielmente apesar da oposição e incompreensão de muitos do seu tempo. Não hesitou em dar mensagens de reprovação quando sabia que isso lhe acarretaria a inimizade, e até a hostilidade, daqueles que recusavam aceitar tais reprovações.

Embora ela nunca se tivesse considerado profetiza, mas sim «mensageira do Senhor», a sua obra abrangeu, sem dúvida, essa função. As suas predições quanto ao futuro não incluíram apenas destruições e catástrofes, mas a da Terra renovada e a recompensa que aguarda os justos.

Foi ela verdadeiramente inspirada? Foi ela verdadeiramente dirigida por Deus? A sua vida e obra testificam que o foi sem dúvida, pois «pelos seus frutos os conhecereis». (Mat. 7:20).

Sempre que os conselhos das suas visões têm sido seguidos, o resultado tem sido de assinalado êxito e prosperidade. Quando tais conselhos têm sido negligenciados, o resultado tem sido de grande perda. As Escrituras declaram: «Crede no Senhor vosso Deus e estareis seguros; crede nos Seus profetas e sereis prosperados». (II Crónicas 20:20). Posa ser esta a experiência de cada filho e filha de Deus nestes dias conturbados da história da Terra, os quais prenunciam a iminente volta de Cristo e a feliz vitória dos Seus santos.

QUEM QUER PARTICIPAR?



CONCURSO DE FOTOGRAFIA

Tema:

A Igreja em acção

1. Partilhai a vossa fé: Os diferentes meios e métodos do alcance missionário.
2. Quem são os Adventistas? Como posso eu apresentar as minhas crenças através da minha vida diária?
3. Trabalho em favor do próximo: actividades sociais da Igreja.

Prémios:

- 1.º prémio: Uma câmara **Canon A1**, completa
- 2.º ao 4.º prémio: Objectivas fotográficas no valor de 300 Marcos Alemães, cada. À escolha.

Condições:

1. Só serão aceites **diapositivos de cor**, 24 x 36. Apresentação dos temas horizontalmente em Kodachrome KR 64.
2. Enviar os diapositivos (36 no máximo) para:

Divisão Euro-Africana
Departament des Communications
Schosshaldenstrasse 17
CH — 3006 BERNE

O endereço de cada participante deverá ser escrito legivelmente e, se necessário, junto uma legenda a cada diapositivo.

3. Os diapositivos e todos os direitos a eles ligados tornam-se propriedade da Igreja Adventista do Sétimo Dia.
4. Um júri competente avaliará os diapositivos segundo os seguintes critérios:
 - a) Qualidade técnica dos diapositivos
 - b) Motivo da composição
 - c) Clareza da mensagem

Data limite do Concurso:

31 de Dezembro de 1983

NOTÍCIAS do campo

Retiro Espiritual de Obreiros

Realizou-se de 19 a 20 de Abril, p.p., nas instalações do antigo LAPI em Pero Negro, o primeiro retiro espiritual para obreiros da zona sul, sob a direcção do Pastor António Maurício. Tomaram parte nele os seguintes obreiros: José Albino Vieira (Portalegre), António Gameiro (Setúbal), Júlio Cardoso (Portimão), Armando Cottim (Évora), Manuel Lobato (Faro e Vila Real de Sto. António), estes da zona sul; e Rogério Fernandes (Caldas da Rainha) e Manuel Cordeiro (Leiria), da zona centro.

Foi uma experiência muito enriquecedora no aspecto espiritual. Tivemos várias ocasiões de oração, estudo e discussão de vários assuntos. Entre eles merece destaque especial, pelo consenso e ênfase unânimes que recebeu de todos, a necessidade de dedicarmos mais tempo à oração e bem assim ao estudo e meditação da Palavra de Deus. Foi igualmente focada a importância do louvor a Deus como fazendo parte integrante do crescimento espiritual.

Foi decidido entre este grupo de obreiros dedicar um período certo para a oração cada manhã, às 7,30 h. Esse período poderá ser de 10 a 15 minutos, durante o qual estes obreiros orarão uns pelos outros, pelos seus familiares, suas igrejas, seus dirigentes, terminação da obra em Portugal e derramamento do Espírito Santo sobre o povo de Deus. Decidimos também fazer um convite aos restantes obreiros para se unirem a nós neste propósito, e cada pastor promover e incentivar tal plano nas suas igrejas com vista ao crescimento das mesmas e preparação para a vinda do Senhor, que cremos estar às portas.

Manuel Cordeiro

Encontro JAP na Lousã

De 13 a 15 de Fevereiro, realizou-se um Encontro JAP na Foz do Arouca, a 6 Km da Lousã. O local, no sopé da bela Serra da Lousã, na altura coberta de um manto de branca neve, era muito agradável.

Para os 56 Jovens, que vieram de diferentes igrejas do país a este Encontro, foi uma experiência inolvidável. A marcha à Serra, o escurregar na neve, o almoço lá «tão perto do céu», as belíssimas instalações, cedidas pela A.C.M., que reconhecidamente agradecemos, as inspiradoras mensagens espirituais, tudo contribuiu para o bom êxito deste Encontro de Jovens. Também não podemos esquecer, evidentemente, as reuniões sociais tão próprias destas actividades, e o clima de franca amizade e confiança que existiu entre todos os participantes. Sentimo-nos em comunhão com Deus e uns com os outros.

No momento da despedida era notória a satisfação de todos os participantes. Alguém dizia: «São destes encontros que nós gostamos, e que o Departamento deve promover.»

Prometemos não nos esquecer destas palavras, e promover outros encontros.

Aproveito este espaço para lembrar a todos os Jovens, os Acampamentos Regionais:

Zona Norte: 2-5 de Junho, *Acampamento Regional, Desbravadores e Jovens.*

Zona Centro: 10-12 Junho *Maratona e Acampamento Regional, Desbravadores e Jovens, na Costa de Lavos.*

Do amigo em Cristo
J. Carlos Costa

Mudanças de Obreiros

José Luis Esteves — Acompanhado de sua Esposa e Filhos, embarcou no dia 16 de Fevereiro para os Açores, o Pastor José Luis Esteves, que ali tomará a responsabilidade de Pastor Distrital do Arquipelago e se ocupará das igrejas de Angra do Heroísmo e Lages.

Tendo trabalhado alguns anos como Director de Publicações, o Pastor Esteves era ultimamente pastor da igreja de Lisboa-General Roçadas.

Mário Brito e Esposa — Depois de uma frutuosa experiência como professores de Bíblia no Colégio de Oliveira do Douro e preceptores no seu recém-inaugurado Internato, o Pastor Mário Brito e Esposa foram chamados e fixar-se no novo campo de Vila Real de Trás-os-Montes para ali estabelecerem a primeira Igreja Adventista daquele Distrito.

Escola de Colportagem Evangelística

O primeiro curso de iniciação de colportores, teve lugar em Pero Negro nas antigas instalações do LAPI, de 24 a 29 de Janeiro p.p.

Tivemos uma semana de trabalho muito agradável, com uma equipa de oito participantes, que conseguiram um aproveitamento muito bom. Neste momento todos se encontram criocados.

A estes simpáticos novos colportores, desejamos um excelente trabalho, para incremento da obra de Deus, e para que a Segunda Vinda de Cristo seja abreviada.

Após esta experiência, outras se seguirão. A próxima será já em Maio com um curso de reciclagem.

Esta Escola vem ao encontro de duas grandes necessidades que de há muito se vinham fazendo sentir:

1.ª Seleccionar os que têm interesse em iniciar a colportagem. Este é o conselho de E. White:

«Nossos irmãos devem mostrar discrição em escolher colportores, a menos que tenham resolvido ver a verdade mal compreendida e mal representada.» CE 27.

2.ª Preparar e actualizar os colportores já no efectivo. Diz-nos mais uma vez a irmã White:

«Obra muito mais eficiente do que tem sido feita até agora no campo de colportagem, poder-se-á fazer ainda. Não deve o colportor sentir-se satisfeito a menos que esteja constantemente melhorando.»

Que uma classe de colportores seja habilitada mediante completa instrução e exercício, a manejar as publicações que saírem dos prelos.» CE 55.

Que o nosso Deus nos qualifique para que esta Escola cumpra fielmente os objectivos a que foi votada.

F. Ferreira
Director do Dep. de Publicações

**ASSINE E
DIVULGUE A:
Revista Adventista**

Encontros pastorais na União Soviética

Desde há já alguns anos que existem comunicações regulares entre os representantes da Conferência Geral e os da Igreja Adventista na União Soviética. Todos se recordam da visita que os pastores Wilson e Lohne, acompanhados das suas esposas, fizeram àquele país no Verão de 1981. Nessa ocasião foi combinado que se realizariam encontros pastorais, se possível, durante o ano de 1982. O Dr. J. Paulsen e eu próprio fomos designados para esse efeito e convidados a entrar em contacto com o irmão M. Kulakov, presidente da Obra na Rússia, a fim de fixar os pormenores das nossas respectivas visitas.

A visita do Dr. J. Paulsen na Primavera de 1982, foi infelizmente interrompida por um acidente que o obrigou a regressar à Inglaterra. A minha, por outro lado, teve lugar como prevista, durante as três primeiras semanas do mês de Setembro de 1982. Graças a um visto oficial pude viajar por todo o país segundo o plano aprovado pelas autoridades, na companhia dos irmãos Kulakov e Zhukaluk. Além disso, tive o privilégio de pregar em todas as igrejas visitadas e de participar nos encontros pastorais convocados especialmente na ocasião da minha visita.

A importância destes encontros pastorais compreende-se melhor se tivermos em conta que nenhum dos obreiros actualmente em funções na União Soviética teve o privilégio de se formar num Seminário. Todos o foram segundo o método apostólico, pelo qual os pastores de experiência formam, eles mesmos, individualmente, os jovens que se desejam consagrar ao ministério. Os encontros foram, pois, organizados de maneira a permitir que o maior número de obreiros a eles pudessem assistir. Com efeito, dos cerca de 250 obreiros actualmente em funções na Rússia, cerca de 200 puderam tomar parte nestas convenções, que, esperamos, constituirão uma data histórica na Igreja da União Soviética.

De passagem por Moscovo

Como era de esperar o meu primeiro encontro com a comunidade adventista na União Soviética, teve lugar na igreja de Moscovo. Logo que cheguei a Moscovo, a 2 de Setembro, fui de imediato convidado a falar nos diversos serviços religiosos de Sábado, dia 4. Desde Sexta-feira à noite, setecentos a oitocentos irmãos e irmãs estiveram presentes no templo, ávidos por ouvir a mensagem do irmão visitante. Aproveitei a ocasião para render graças a Deus ao meditar na admirável oração de Paulo, contida em Efésios 1:15-23.



Interior da Igreja de Moscovo durante o culto de Sábado, em 4 de Setembro de 1982.



No dia seguinte de manhã, desde o começo da Escola Sabatina, todos os lugares estavam ocupados. Havia muitas pessoas de pé nas alas e ao fundo da sala. Embora não tenham trimensário, cada um estuda o tema proposto de semana para semana. Na altura, o estudo era dedicado ao livro de *Daniel* e, naquela manhã, ao capítulo 5. A lição foi feita em classe única por um dos anciãos. Pela evidência demonstrada, cada um conhecia a lição; o interesse era manifesto.

O serviço do culto foi feito segundo o modelo a que estamos geralmente habituados. Todavia, a participação coral, em todas as nossas igrejas da URSS, é algo de excepcional, e não é sem emoção que uma pessoa toma a palavra em tais circunstâncias. O tema que escolhi para a minha pregação baseou-se em Filipenses 1:21: «Para mim, o viver é Cristo». Foi para mim uma grande surpresa reconhecer entre o auditório uma irmã Malgache, esposa dum conselheiro da embaixada de Madagáscar, em Moscovo. Durante a sua juventude ela havia sido uma das minhas alunas no Seminário de Tananarive; tive a alegria de a baptizar quando era missionário nesse país. Fiquei feliz por saber que ela se tem mantido fiel à mensagem.

Muitos pastores estavam de passagem por Moscovo, nesse Sábado, a fim de se dirigirem ao lugar da primeira convenção pastoral. Após o culto foi organizado um almoço de confraternização, nu-

ma das salas anexas à capela, para todos os obreiros presentes. Tivemos a oportunidade de nos familiarizar uns com os outros durante esse tempo e de nos ocupar numa entrevista que durou uma boa parte da tarde. Desejando tirar proveito de cada instante, havia sempre alguém que me fazia perguntas, tanto de carácter teológico como espiritual. Alguém me pediu igualmente para contar algumas experiências pessoais. Terminei este primeiro encontro com a meditação de Lucas 10:17-21, onde o evangelista fala da tríplice alegria do pregador do evangelho.

À noite dirigimo-nos a Tula, de comboio, acompanhados dos obreiros que aí iam assistir à primeira convenção pastoral.

Primeiro encontro pastoral em Tula

A sede da nossa Obra na União Soviética não se encontra em Moscovo, mas sim em Tula, antiga cidade imperial, situada a cerca de 200 Km ao sul da capital. Tula é também a cidade natal de Tolstoi. Este passou aí toda a sua vida. A sua casa é hoje um museu e o seu túmulo — o mais humilde possível — um lugar de peregrinação.

A igreja adventista, construída recentemente, encontra-se nos arrabaldes da cidade. Cerca de cinquenta obreiros aí se reuniram, domingo de manhã, na abertura da convenção pastoral. Eles eram os representantes da maior das associações ou uniões, compreendendo cinco distritos ou federações: Norte, Centro, Sul, Urais, Sibéria ocidental e oriental. Vários obreiros tinham viajado nove horas de avião para virem da região de Vladivostok a Moscovo. Segundo as últimas informações, esta vasta união conta 120 igrejas e 6 000 membros.

Para cada uma destas convenções, os irmãos haviam escolhido como tema básico a justificação pela fé, a lei e a graça, a fé e as obras. Tempo precioso foi também consagrado à discussão, assim como a responder às múltiplas perguntas específicas duns e doutros. O problema mais sério foi sem dúvida aquele que de há muito dividiu as nossas igrejas na Rússia: a frequência da escola no dia de Sábado. Para dizer a verdade, o problema não está inteiramente resolvido, mas ao menos uns e outros decidiram andar de mãos dadas, daqui para a frente, à busca de solução.

As duas noites passadas em Tula foram consagradas à própria igreja. Números membros e amigos assistiram a estas reuniões de edificação. A participação da juventude foi particularmente apreciada, tanto pelos coros e a música instrumental, como pelos poemas e os testemunhos. A visita a Tula terminou com a ceia em casa da família Kulakov onde tive o privilégio de saudar um dos pioneiros da Obra na URSS, o pai Kulakov, com 82 anos de idade.

Quarta-feira de manhã, 7 de Setembro, retomámos o comboio para Moscovo donde devíamos voar, nesse mesmo dia, para Volgogrado, cidade mártir da última guerra mundial, melhor conhecida pelo nome de Estalinegrado.

Cinco dias de visita a Volgogrado

A temperatura era de 5° à partida de Moscovo e 30° à nossa chegada a Volgogrado. O sol estava prestes a pôr-se e a estepe, a perder de vista, parecia como que abraçada pelos seus últimos raios. Um representante regional do ministério dos assuntos religiosos e culturais, esperava-nos no aeroporto, junto do avião, com uma delegação da igreja, para nos desejar as boas-vindas.

Em princípio, não deveríamos permanecer mais do que 24 horas em Volgogrado. De lá, deveríamos ir a Frunze, no Kirguizistão, na Ásia Central. Por uma razão desconhecida, as autoridades anunciaram-nos que tínhamos de renunciar a essa etapa asiática da nossa viagem. Decidimos, por conseguinte, aproveitar o tempo aí passado para termos várias entrevistas com as autoridades locais e alguns repre-



Pregadores que participaram na Convenção Pastoral de Tula, nos dias 5 e 6 de Setembro de 1982. Por trás — fachada da capela de Tula.

sentantes doutras igrejas. Estes contactos permitiram a troca de frutuozos pontos de vista susceptíveis de fazer conhecer a Igreja Adventista em melhores dias.

Volgogrado é uma cidade inteiramente nova, construída sobre as ruínas da antiga Estalinegrado. Estende-se ao longo do rio Volga numa distância de 75 Km e conta mais de um milhão de habitantes. Contrariamente às outras cidades, não encontramos nela nenhuma catedral, nenhuma cúpula dourada, típica das igrejas ortodoxas. Os lugares de culto que pude visitar encontram-se nos subúrbios e são todos de construção humilde. O da igreja adventista não constitui excepção. É uma espécie de cenáculo numa casa de dois andares. Servia perfeitamente há 10 anos, quando o primeiro pastor aí se estabeleceu; havia nessa altura apenas cinco membros de igreja, todas mulheres. Hoje já não é a mesma coisa uma vez que temos ali 120 membros. As autoridades locais disseram-nos ter proposto um terreno mais central para aí construir uma nova igreja.

Cerca de quarenta pastores vindos de diversas regiões do sul da Rússia, do Cáucaso, do Don, das margens do Mar Negro

e mesmo da Moldávia estiveram presentes nesta convenção. O programa aqui foi o mesmo de Tula, mas devido à mudança do nosso plano de viagem, dispusemos de quatro dias. Eles foram bem empregados. Várias noites puderam assim ser consagradas à igreja, a qual se sentiu bastante feliz de nos poder ter tido também no Sábado.

Foi ainda aqui organizado um almoço de confraternização, após o culto, para os pastores e suas esposas, no pátio da igreja, à sombra dum caramachão de videira. Eu diria antes que este almoço foi uma espécie de *agape* fraternal, durante o qual as entrevistas espirituais e os testemunhos ocuparam a maior parte do tempo que passámos juntos. Com o fim do Sábado, veio o momento da despedida. Cada um, com uma nova coragem, retomou o seu caminho de volta ao seu lugar de trabalho. Quanto a nós, antes de voarmos para Riga, tivemos ainda um último encontro com o representante do ministério dos assuntos religiosos e culturais, no domingo de manhã. Estes contactos darão certamente os seus frutos em vista duma melhor compreensão dos nossos problemas.

Responsáveis de Distrito que participaram na Convenção Pastoral de Volgogrado, de 8 a 11 de Setembro de 1982.

Na primeira fila, 2.º e 3.º a partir da direita: os irmãos Kulakov e Zhukaluk.



Em Riga, na Costa do Mar Báltico

Passava das 23 horas locais quando aterrámos em Riga, capital da Letónia. Esperava-nos um grupo de jovens com flores, assim como todos os membros do Comité da Federação. Neste pequeno país de 2,5 milhões de habitantes, a Igreja Adventista conta 23 comunidades com 1 814 membros. Assim como os outros países bálticos, a Federação da Letónia não chegou ainda a uma Associação ou União. Há assim 8 Distritos ou Federações autónomos na Rússia, compreendendo 139 igrejas e 11 053 membros.

A convenção pastoral de Riga foi organizada para os obreiros dalguns destes distritos. Cerca de quarenta deles, com as suas esposas, tiveram a alegria de aí participar.

O presidente da Federação, irmão J. B. Oltin, foi um dos seis delegados da União Soviética à Assembleia da Conferência Geral, em Viena, em 1975. Hoje, com 82 anos de idade, é ainda o homem da situação para conduzir a Obra na Letónia. Não somente tem ele a confiança da igreja, mas também das autoridades locais. Isto eu pude constatar ao assistir ao Conselho da Federação e nas entrevistas que tivemos com os representantes do Ministério dos assuntos religiosos e culturais em Riga.

Aqui, como nos outros lugares, os assuntos apresentados e discutidos com os obreiros foram muito apreciados. As refeições tomadas em comum constituíram igualmente ocasião para entrevistas, perguntas e respostas, assim como testemunhos. As Terças e Quartas-feiras à noite foram consagradas aos membros da igreja vindos de todo o país. Cerca de 800 pessoas tomaram lugar na bela e vasta igreja do Centro da cidade. Apesar duma tradução dupla, do inglês para o russo e léxico, o ambiente espiritual foi maravilhoso. Os coros para isso contribuíram grandemente. Fiquei particularmente impressionado pelo interesse dos jovens pelas coisas espirituais, e pelo entusiasmo afetuoso que nos testemunharam.

No centro da Obra na Ucrânia

A quarta convenção pastoral teve lugar na Ucrânia, em Lvov, onde se encontra a sede da maior das duas Associações ou Uniões. Com efeito, a Associação das Igrejas da República da Ucrânia compreende 11 distritos ou federações, com 153 igrejas e 13 558 membros. O irmão Zhukaluk é o presidente, estando também estreitamente associado com o irmão Kulakov na direcção geral da Obra na URSS. Ele havia-nos deixado em Volgogrado e encontrava-se no aeroporto de Lvov, com uma importante delegação, para nos desear as boas-vindas à Ucrânia.

Lvov é uma antiga cidade polaca, si-



O corpo pastoral da Federação da Letónia. Na primeira fila, 2.º e 3.º a partir da direita: os irmãos Kulakov e Zhukaluk.

tuada nas fronteiras da Roménia, Hungria, Checoslováquia e Polónia. Ela possui, entre outras coisas, um museu da história das religiões e do ateísmo que eu não deixei de visitar. Evidentemente, as diversas religiões não estão ali representadas sob o seu melhor aspecto. Entre as igrejas protestantes estabelecidas na União Soviética, a Igreja Adventista figura em bom lugar. No painel que lhe é consagrado, uma pintura chama particularmente a atenção. Provavelmente a obra dum membro, é aí representado muito mal o caminho para o reino dos céus, sobre a base da salvação pelas obras. Segundo este desenho, seria suficiente, em suma, deixar de fumar, de beber álcool, desembaraçar-se dos ídolos, não mais comer carne de porco, para ter acesso à cidade celestial. Não deixei de chamar a atenção do director do museu para o facto de que tal não era, evidentemente, a nossa crença.

Embora distorcida, esta ilustração serviu-me utilmente para a minha introdução do tema sobre a justificação pela fé, pois também aqui apresentámos este tema a cerca de 50 obreiros vindos de toda a Ucrânia. Outros problemas importantes foram também abordados, tais como a moral cristã e o ministério pastoral. Na ocasião de cada uma das convenções, havia sempre algumas perguntas exprimindo esta preocupação, quão louvável, destinada a certificar-se que a fé e as práticas da Igreja na URSS estava em perfeita harmonia com as da Igreja Adventista no resto do mundo.

Os serviços de Sexta-feira à noite e de Sábado tiveram lugar na bela igreja construída em comum pela Igreja Baptista e Igreja Adventista. As cerca de oitocentas pessoas presentes não tiveram dificuldade para aí encontrarem lugar. O tema da pregação foi sobre este convite do Salmista: «Provai, e vede que o Senhor é bom» (Sal. 34:8). Numerosos coros, uns melhores que outros, actuaram em cada reunião, enquanto que um verdadeiro concerto foi organizado para o culto do fim do Sábado. O papel desempenhado pela juventude da igreja de Lvov alegrou-me muito particularmente. Enfim, todos os corações vibraram em uníssono quando, para a mensagem de adeus, dissertei sobre a única palavra da Bíblia que nunca precisa de ser traduzida, e que exprime perfeitamente a esperança de todo o povo adventista: «Maranata».

Para um futuro melhor

Dou graças a Deus de me ter permitido fazer esta visita às nossas igrejas e nossos obreiros da União Soviética. Agradeço às autoridades de me terem dado esta possibilidade. Certos acontecimentos permitem esperar um melhor futuro para a nossa Obra. Desejo referir como prova disto o facto preciso, do qual fui testemunha, no meu regresso a Moscovo. Nesse mesmo dia, os nossos irmãos receberam a última entrega de 10 000 Bíblias, impressas para a nossa Igreja.

Este facto junta-se a outros que merecem igualmente ser aqui mencionados. Durante o Verão de 1982, seis dos nossos pastores puderam participar na Conferência Bíblica, organizada no nosso Seminário de Friedensau, na República Democrática Alemã. Além disto, três jovens obreiros estudam, presentemente, teologia nessa instituição, enquanto dois outros frequentam o Colégio de Newbold, na Inglaterra, com o mesmo objectivo. Estes são factos bastante encorajadores. Oxalá eles sejam verdadeiramente o começo duma nova etapa na história da Igreja Adventista na União Soviética!

Jean Zurcher
Berna, 3-12-82

Estação de Rádio Espanhola fez um convite a um Pastor Adventista

Devido ao entusiástico e positivo testemunho de muitos ex-fumadores, que tinham ouvido um Plano de 5 Dias transmitido pela Estação de Rádio Popular FM de Alicante, Espanha, os directores da estação convidaram o pastor Adventista Alvaro Martin para continuar com um programa semanal, gratuito, de 10 minutos. As emissões Adventistas começaram no dia 26 de Fevereiro e têm continuado desde então cada Sexta-feira às 17,15 h.

O Pastor Martin é o representante local da LIT (Liga Internacional de Temperança) e começou esta campanha com temas sobre saúde. Os directores da estação sabem, contudo, que é a Igreja Adventista que apoia a LIT.



**FAZ JÁ A TUA ASSINATURA
DIVULGA-A**